

**Valdenses Ribeiro Santos**

**O ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA E  
CRIMINALIDADE NA DEMANDA TURÍSTICA NA  
CIDADE DO RIO DE JANEIRO.**

**Belo Horizonte – MG  
Centro Universitário UNA  
Abril/ 2006**

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Valdenses Ribeiro Santos**

**O ESTUDO DA RELAÇÃO ENTRE VIOLÊNCIA E CRIMINALIDADE  
NA DEMANDA TURÍSTICA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Turismo e Meio Ambiente do Centro Universitário UNA, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Turismo e Meio Ambiente.

Área de Concentração: Turismo e Meio Ambiente

Orientador: Jersone Tasso M. Silva

**Belo Horizonte – MG  
Centro Universitário UNA  
Abril/ 2006**

À Deus; aos meus pais pelo apoio financeiro e  
ao meu filho Eric Valdenses Vaz Ribeiro.

## **Agradecimentos**

Durante os dois anos que estava como mestrando, agradeço a todos os professores que me deram subsídio para que eu pudesse avançar em meus estudos, não só específico para o mestrado, mas também, como também em “bagagem de vida”.

Agradeço ao Professor e Coordenador do Mestrado, Dr. Nelson Quadros Vieira Filho pelo incentivo; ao meu orientador, Prof. Dr. Jersone Tasso M. Silva pelas discussões e a devida orientação.

Agradeço à Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, representada pela Dra. Adeline Carvalhares Rosette; à Polícia Civil, Dra. Leila Goulart de Souza, delegada da DIEF/RJ; ao Major/Sub. Comandante, Sr. Alexandre Silva Pimenta, do Batalhão de Polícia de Apoio ao Turista (BPTUR), da Polícia Militar da cidade do Rio de Janeiro (copacabana).

Para finalizar, gostaria de agradecer ao Governo de Estado do Rio de Janeiro, à Secretaria de Estado do Turismo, representada pelo Sub. Secretário Sr. Antônio Carlos Castro Neves; à RioTur, Sr. Antônio Galvão e a ABAV do Rio de Janeiro.

## **LISTA DE TABELAS**

Tabela 1 - Violência no Rio de Janeiro no período compreendido entre 2001 e 2005.....	68
Tabela 2 - Demanda Turística do Rio de Janeiro no período compreendido entre 2002 e 2005.....	69
Tabela 3 - Desemprego e renda no período compreendido entre 2002 e 2005.....	70
Tabela 4 - Taxa de ocupação dos hotéis no período compreendido entre 2002 e 2005.....	70

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 – Violência no Rio de Janeiro no período compreendido entre 2002 e 2005.....	71
Gráfico 2 - Previsão de violência e criminalidade para o ano de 2006.....	73
Gráfico 3 - Previsão de violência e criminalidade para o ano de 2007.....	75

## SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	O problema e sua importância.....	11
1.2	Objetivos.....	14
1.2.1	Geral.....	14
1.2.2	Específico.....	14
1.3	Organização de Estudo.....	15
2.	REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	16
2.1	Violência e Criminalidade.....	16
2.2	Rio de Janeiro: Violência e Turismo.....	33
2.2.1	Uma breve passagem pela história e política.....	33
2.2.2	Causas da violência.....	38
2.2.3	Crime organizado.....	42
2.2.4	Reflexos da violência e o turismo.....	43
2.3	A Demanda Turística.....	46
3.	REFERÊNCIAL ANALÍTICO.....	54
3.1	Região de Estudo.....	54
3.2	Metodologia.....	54
3.3	Forecast.....	57
4.	RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	61
4.1	Entrevistas.....	61
4.1.2	Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro.....	61
4.1.3	Polícia Militar / RJ – BPTUR Batalhão de Proteção ao Turista.....	61
4.1.4	Polícia Civil / RJ – DEAT Delegacia Especializada de Atendimento ao Turista.....	63
4.1.5	Secretaria de Turismo / RJ – SETUR – TURISRIO.....	64
4.1.6	Associação Brasileira de Agentes de Turismo / RJ – ABAV.....	66
4.1.7	Delinquentes.....	67
4.2	Análise dos dados (Gráficos e Tabelas).....	67
4.3	Análise das entrevistas.....	72
4.4	Análise do Forecast.....	73
5.	CONCLUSÃO.....	76
	REFERÊNCIAS.....	78
	ANEXOS.....	82

## **Resumo**

Esta dissertação de Mestrado é uma tentativa de demonstrar através de um estudo preliminar, tendo como referência uma rica base de autores consagrados na área social, criminalística, de direito, econômica e de turismo, a influência da violência e criminalidade da demanda turística da cidade do Rio de Janeiro.

Na parte qualitativa da pesquisa, foram feitas diversas entrevistas com os órgãos competentes do objeto de estudo, entre eles: Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, batalhões e delegacias especializadas no atendimento e proteção ao turista, das polícias civil e militar, da cidade do Rio de Janeiro, Secretaria do Estado de Turismo (RJ) e a Associação Brasileira de Agentes de turismo do Rio de Janeiro (ABAV).

Na parte quantitativa, tendo uma enorme gama de variáveis que poderiam ser estudadas, foi escolhido como principal base de dados, o índice de violência e criminalidade para cada 100 mil habitantes, como variáveis secundárias: demanda turística, desemprego, renda, taxa de ocupação de hotéis, pousadas, *apart hotel* e *resorts*. Através dessas variáveis, tenta-se explicar, se há ou não uma relação direta entre a demanda turística com a violência urbana que afeta a maior cidade turística do país.

Foi observado, que não há uma relação direta entre violência, criminalidade e a demanda turística no Rio de Janeiro. A pesquisa quantitativa comprova que as variações de aumentos nos índices de violência, não são determinantes às variações de ocupacionais de turistas, e vice versa. A pesquisa qualitativa vem esclarecer, os aspectos relevantes da violência na cidade do Rio de Janeiro, principalmente quando o assunto é segurança de turistas, esses vindos das diversas regiões do Brasil e exterior. Demonstra, segundo a visão das autoridades da segurança pública e dos organismos de turismo, a influência da criminalidade na demanda turística local e suas peculiaridades.

**Palavras chave:** Violência; criminalidade; demanda; turismo; Rio de Janeiro.

## **Abstract**

This Masters thesis aims mainly at discussing the impact of violence and criminality over tourist demand in the city of Rio de Janeiro, through a preliminary study whose reference includes a wide range of well-known authors and theoreticians in the fields of social studies, criminal studies, law, economy and tourism.

In the qualitative part of such a study, several interviews were conducted with members from institutions closely related to the field chosen for analysis, being the most relevant ones: the Public Security Office in the state of Rio de Janeiro, many police officers from police stations specialized at offering protection to tourists, both civil and military police corporations in the city of Rio de Janeiro, the State Tourism Office and the Brazilian Association of Travel Agents, also in Rio de Janeiro.

For its quantitative part, and after gathering a wide range of variables to be dealt with, it was chosen as the major one the figures representatives of violence and criminality related to every 100 thousand inhabitants, and as secondary variables the issues of tourist demand, unemployment, income, and the rate of occupation for hotels, hostels, apart hotels and resorts. These latter ones are justifiable for the need to explain whether there is a close relation between tourist demand and urban violence in the biggest tourist city in the country.

It has been noted that such a relation has not been straightforward in Rio de Janeiro. According to the quantitative survey it can be said that whenever there is an increase in violence in the city, such fact does not consistently affect or even generate substantial oscillation movements in the occupation rates for hotels, as well as the other way round.

This qualitative survey deals mainly with the relevant aspects of violence in Rio de Janeiro when it comes to the issue of tourists' safety in such an environment, discussing how authorities and tourism related business, among others, cope with any likely influence of violence upon the tourist demand in the city.

**Key words:** violence, criminality, demand, tourism, Rio de Janeiro.

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 O problema e sua importância

Durante a Revolução Industrial, entre os anos 1750 a 1850, devido a mudanças econômicas, com a criação da máquina a vapor, melhorias no transporte e, sociais, com as transformações no trabalho, criou-se o turismo de massa, por volta de 1950. No início, era usufruído pela classe mais rica, depois foi passando pela classe média (OMT, 2003). Sendo assim, o turismo se destaca como atividade econômica desde a época do Iluminismo, onde as diferentes classes sociais, principalmente as abastadas, viajavam por motivos culturais, logo depois, caracterizando o surgimento das viagens de massa, viagens internacionais, principalmente pós Segunda Guerra Mundial.

Já em épocas mais recentes, no ambiente moderno, o turismo está sendo fortemente influenciado pelo uso de novas tecnologias, ferramentas como computadores, internet, aviões mais modernos e velozes, uso de satélites, robôs entre outros. Pode-se destacar inclusive, e mudanças no modo de trabalho e de vida das pessoas, possibilitando uma “explosão” no turismo nacional e mundial (OMT, 2003).

A atividade turística caracteriza-se pelo envolvimento de diferentes setores econômicos, influenciando no desenvolvimento de localidades, na geração e multiplicação de renda, emprego, operando como dinamizador de fluxo de divisas aos demais outros setores, como efeito multiplicador, ao transporte, atividade comercial e empresarial como um todo. Esta influência amplia-se inclusive como fator de suma importância ao Balanço de Pagamentos nos países.

Para que se possa ter um melhor entendimento sobre o turismo de forma geral, faz-se algumas considerações. Segundo a OMT (2003),

turismo são as atividades das pessoas que viajam e permanecem em lugares fora de seu ambiente habitual por não mais de um ano consecutivo para lazer, negócios ou outros objetivos; turista, é o visitante que desfruta de pelo menos uma noite em alojamento coletivo ou particular no lugar visitado (OMT, 2003, p. 18).

As divisões geográficas são muito importantes para se propor modelos de uma estrutura espacial no turismo, para uma análise e uma interpretação das variáveis econômico-sociais interpretativas à luz da geografia do turismo. Ambiente, espaço, paisagem são personagens

importantes desta modelagem para o turismo, são decisores de viajar ou não, compõem a percepção do turista antes e depois da viagem (PEARCE, 2003).

O estudo das divisões regionais são importantes no turismo, principalmente para se poder definir o turismo em seu âmbito doméstico, referenciando aos turistas residentes que viajam dentro de seu próprio país; o turismo receptivo, às viagens de não-residentes viajando como visitantes em uma determinada área; ao turismo emissivo, compreendendo os residentes que viajam como visitantes em outra área. Faz-se necessário inclusive, já compreendido os conceitos anteriores, citar o turismo interno, compreendendo o receptivo e doméstico; o nacional, compreendendo o emissivo e doméstico e o turismo internacional, como o turismo receptivo e emissivo (OMT, 2003).

De acordo com a Embratur (2004), a entrada de turistas no Brasil se deu da seguinte forma: (a) na década de 70, registrou-se 249.900 turistas; (b) década de 80, 1.625.422 turistas; (c) década de 90, 1.091.067 turistas; (d) no ano 2000, 5.313.463 turistas; (e) em 2003, dados mais recentes, 4.090.590 turistas. Com esses dados, pode-se observar que houve um crescimento muito grande na entrada de turistas no Brasil, principalmente em 2000, tendo um decréscimo para o ano de 2003. De 1970 para 2003, houve um crescimento de 1537 pontos percentuais.

A OMT, através de seus estudos, prevê para o ano de 2020, 1,6 bilhão de turistas internacionais em todo mundo, com gastos na ordem de US\$ 4 trilhões, totalizando US\$ 9 trilhões se somados aos turistas internos, China, EUA, França e Espanha serão destinos mais procurados. De acordo com a Pesquisa Direta Fipe / Embratur (2001 / 2002), São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Paraná e Bahia são os principais emissores e receptores de turistas, no qual o turismo de lazer representando 76,1% dos fatores motivacionais (BENI, 2003).

Caracterizando os três maiores emissores de turistas para o Brasil, dados de 2003, a Europa foi caracterizada em primeiro lugar, com 316.909 turistas; já a América do Norte, registrou-se 164.631 turistas; com a América do Sul em terceiro lugar com 107.635 turistas, principalmente vindos da Argentina. O maior emissor de turistas é, sem dúvida a Europa, desmistificando a América do Norte, principalmente os Estados Unidos (EUA)

como maior emissor de turistas para o Brasil. Os turistas europeus representam, em relação aos americanos (EUA), um índice 92,5% superior (EMBRATUR, 2004).

Quanto ao turismo receptivo internacional, as três cidades mais visitadas dados de 2002: (1) cidade do Rio de Janeiro está em primeiro lugar, representando 38,6%; (2) São Paulo, representando 20,8% ; (c) Salvador com 12,8% (EMBRATUR, 2004).

Quanto à movimentação de passageiros nos aeroportos, dados de 2002 em milhares de chegadas / passageiros, os três locais mais representativos são: A cidade de São Paulo, com 9.560.574; Rio de Janeiro com 4.632.641 e em terceiro lugar, Salvador com 2.007.418. Verifica-se que, a cidade com maior fluxo de passageiros em aeroportos é a cidade de São Paulo, com uma variação de 106% em relação a Rio de Janeiro, 376% em relação a terceira colocada, Bahia; mostrado pelo grande número de visitantes (EMBRATUR, 2004).

Esses dados são importantes para ajudar a mostrar o potencial turístico da cidade do Rio de Janeiro, a relação da Europa como a principal emissora de turistas ao Brasil e, o número bem expressivo de turistas / visitantes nos aeroportos. O estudo de caso deste trabalho, tentará mostrar a relevância da cidade do Rio de Janeiro como pólo turístico e a violência que, estando presente, precisa ser melhor entendida, estudada e relatada como influenciadora ou não dos acréscimos e decréscimos dos número de turistas na cidade, a demanda turística, e a mídia como meios esclarecedor da ocorrência de fatos e notícias.

Pode-se entender como problema, uma possível queda da demanda turística, gerada pela violência e criminalidade urbana, que afeta a cidade do Rio de Janeiro. Dada pela guerra do tráfico de drogas, problemas sociais, culturais, psicológicos, políticos e administrativos, levados aos jovens, como incentivo à cometer atos criminais, prejudicando a vida das pessoas, o direito de ir e vir, a imagem negativa do Rio aos turistas nacionais e internacionais.

Vários autores, entre eles os citados ao longo deste estudo, argumentam e contra-argumentam, da importância de se ter uma condição sócio-econômica equilibrada, de tal forma que as ações do campo econômico não prejudiquem o social. O fato de ser um país subdesenvolvido, com grandes desigualdades sociais, não é motivo para a violência e criminalidade mas, influencia. Vê-se que, países desenvolvidos sofrem com a violência,

um exemplo, o atentado em 11 de setembro de 2001, ao *World Trade Center*, fatores esses, influenciadores da demanda turística local e mundial. Para Rejowski (1998), a imagem negativa do destino turístico, por várias razões, inclusive pobreza, violência e criminalidade, são fatores decisivos, inibidores na escolha do turista em viajar para aquele destino.

O estudo desse tema, é relevante pelo fato do turismo ser um importante propulsor da economia mundial, nacional e regional, sendo sua demanda, como senso comum, influenciada por ações de violência como reportada em tele-noticiários e jornais do mundo inteiro, não apenas da cidade do Rio de Janeiro como aos diversos países do mundo. Outro ponto importante, é por ser desconhecida publicações relacionando turismo, economia, violência e criminalidade na cidade do Rio de Janeiro que é, sem dúvida, a cidade de referência ao turismo doméstico e internacional.

Sua importância está na quantificação, qualificação e análise de dados relativos à violência e criminalidade, como fatores de influência da demanda turística na cidade do Rio de Janeiro.

## **1.2 Objetivos**

### **1.2.1 Geral**

Analisar a relação entre violência e criminalidade na demanda turística na cidade do Rio de Janeiro, compreendido no período entre 2001 e 2005.

### **1.2.2 Específicos**

1. Verificar a existência de relação direta entre o aumento da violência e criminalidade e a demanda;
2. Identificar e analisar o modelo matemático de previsão, que dê uma visão futura aos dados históricos analisados de violência e criminalidade;
3. Analisar por meio de entrevistas de órgãos competentes na esfera da segurança pública e de turismo, uma resposta aos crimes cometidos no período referenciado e sua relação com o turismo.

### **1.3 Organização de Estudo**

Esse trabalho é constituído de sete partes, sendo elas: Seção 1, Introdução, onde se descreve a importância de se estudar o tema, descrevendo sua relevância e identificação do problema, seus objetivos, geral e específico. Na seção 2, Referencial teórico, faz-se uma decomposição da Violência e criminalidade relacionando com o turismo no Rio de Janeiro e retratando a demanda turística e suas peculiaridades. Na seção 3, Referencial analítico, descreve-se a região de estudo, mostrando Metodologia de pesquisa. Explica-se como foi utilizado o modelo matemático, relata-se todas as entrevistas relevantes ao trabalho, feitas ao longo da pesquisa. Na seção 4, Resultados e discussões, analisa-se todos dados obtidos em forma de tabelas, gráficos, modelos matemáticos de previsão, bem como as entrevistas e na seção 5, faz-se uma conclusão do trabalho, mostrando os resultados obtidos. Aos itens 6 e 7, respectivamente, incluem-se os anexos e as referências bibliográficas utilizadas ao longo dos trabalhos.

## **2. REFERÊNCIAL TEÓRICO**

### **2.1 Violência e Criminalidade**

Durante todo século XX, a violência generalizada assola o mundo de forma preocupante, alastrando ao século XXI. É um fenômeno tão complexo quanto incômodo e preocupante, que vem deteriorando as relações sociais e infiltrando-se em todos os setores da vida contemporânea. É um fenômeno diante do qual, não há qualquer possibilidade de neutralidade, ainda que a solução não possa ser reduzida a uma mera questão de aceitação ou rejeição, afinal, não há como ignorá-la ou fugir dela (GONÇALVES, 2003).

No último século, o mundo envolveu-se em duas grandes guerras, a primeira auferida por novas tecnologias, como os aviões de combate, armas de grande alcance e gases venenosos, exterminando milhares de pessoas, a segunda, utilizando a bomba atômica. Os requintes de crueldade se deram por toda a Segunda Guerra Mundial, dimencionando uma cultura de violência e conflitos em todo mundo, sejam eles por terras, petróleo ou supostos religiosos (GONÇALVES, 2003).

Paradoxalmente, diante das guerras e conflitos, houve um avanço muito expressivo no campo da ciência e tecnologia. Devido a esse avanço, a humanidade está conquistando melhores condições de vida, seja na medicina, com avanços de novos tratamentos e curas de doenças, seja na luta de minorias e relegados, socialmente inferiorizados, sejam pobres, judeus, analfabetos, negros, idosos, mulheres e crianças (GONÇAVES, 2003).

Estudiosos argumentam que a globalização trouxe maior pobreza para muitas nações. Rompendo as fronteiras comerciais, sobretudo através da abertura política e de mercados, pegaram grande parte das nações de surpresa, não estavam preparadas, não tinham uma economia competitiva para o restante do mundo.

Schwartzman (2004), afirma que a globalização desencadeou, no Brasil, um êxodo excessivo de trabalhadores informais, homens, mulheres e crianças, buscando condições de sobrevivência, visto que o emprego foi ameaçada pela tecnologia e a internacionalização de mercados. Devido à necessidade de competitividade, as empresas passaram a buscar

profissionais cada vez mais qualificados, mais preparados. A atualização profissional passou a ser imprescindível, os mercados tornaram cada dia mais exigentes, a mudança do tipo de emprego, mudou a relação dos trabalhadores com a sociedade, gerando desemprego.

A pobreza e a miséria não foram uma criação das economias de mercado, sempre existiram em todas as sociedades. Entretanto para Schwartzman (2004):

pobreza é quando se ganha mal para sobreviver, para custear necessidades básicas de sobrevivência, sendo aceita de caráter normal para sociedade; enquanto miséria, não é somente ser pobre, é não poder ou desistir de trabalhar para seu próprio sustento, envolvendo em uma vida abaixo do nível de pobreza (SCHWARTZMAN, 2004, p.57).

Isso leva a discutir o conceito de exclusão social, que segundo Schwartzman (2004) em decorrência de diversos fatores, entre eles, históricos, políticos, econômicos. Como o impacto da globalização nas formas de trabalho através da inclusão de as novas tecnologias, principalmente no setor industrial, a necessidade de trabalhadores braçais foi alterada, devido a inserção de máquinas que substituíram os empregados (SCHWARTZMAN, 2004).

Portanto, para o autor uma das causas da pobreza está na incapacidade das pessoas de obter um sustento de tal forma que lhe dê condições para ter uma capacidade mínima sobrevivência. Schwartzman (2004) aponta a pobreza como uma das causas da violência.

A violência é a parte de um processo longo e muito complexo com momentos de agressividade contida no todo. Violência no sentido mais amplo, pode ser de natureza corporal, saúde, ou contra bens outros, atingindo bens imateriais e materiais (ROSA, 2003).

Para Costa (1997), violência é uma agressão premeditada e sistemática, podendo ter caráter mortal ao indivíduo ou grupos. A força física e primitiva dos animais em atos de violência, não serve de parâmetro para o homem. Animais são meros primitivos que estão se protegendo de algum tipo de ameaça.

Já o homem, possuidor de inteligência, utiliza da violência, de acordo com organizações humanas mais primitivas, para a busca de uma melhor posição social e econômica isso

pôde ser percebido revolução agrícola foi o berço das transformações da vida social, tendo as terras e propriedades sendo apropriadas. Terras mais férteis eram mais valorizadas e mais usufruídas, tendo ocorrido com o passar dos tempos a utilização das terras menos férteis pelo aumento expressivo populacional (COSTA, 1997).

A violência teve seu berço, remontado nas atividades humanas primitivas. A agressividade e violência são práticas cotidianas, pulverizadas e banalizadas pela sociedade. O elemento da modernidade exercita a violência nas suas menores formas, no dia-a-dia, na rua e em casa e como fator de exclusão social. É por isso que se torna difícil entender e lidar com a violência, tão difundida, disseminada e de difícil compreensão de suas causas, principalmente quando o Estado é omissor.

A maioria dos autores, concordam que a exclusão social é um motivador, e uma das principais causas da violência, podendo ser caracterizada por indicadores. Como também retratam a violência como sendo um dos reflexos da pobreza e, discorrem da dominância dos ricos em relação aos pobres. A violência é vista como uma forma instintiva de preservação. Ela é complexa, polissêmica, cuja história vem desde a época primitiva e, com o passar dos tempos se modificando de acordo com a evolução da humanidade.

Adorno (1996) concorda e ressalta, dizendo que os crimes estão intimamente ligados com as transformações da sociedade, alterações na legislação, e nas oportunidades dadas aos delinquentes, o crime é mutante, e a inserção de crianças e adolescentes neste mundo, faz com que sua punição fique mais difícil, pelos laços que cercam as leis vigentes.

A violência retrata o medo, mostra ações de sentidos simbólicos, se recusa da obediência das leis da humanidade, construídas pelo homem e busca suas próprias. Ela não é banida, é apenas combatida quando ameaça a coerção do grupo, das pessoas. A violência decorre de um modelo político de não resolução, mas sim, de ações isoladas que alimentam a fragmentação social, pelos sentimentos de injustiça e discriminação (GONÇALVES, 2003).

Beato (1998) argumenta que, indicadores econômicos, como por exemplo: desemprego, renda, inflação, entre outros, não podem ser diretamente correlacionados com o crescimento da violência, a mais relevante é, sem dúvida a questão social. Ressalta-se que,

os crimes, em sua grande maioria, tem uma relação direta ou não com quadrilhas especializadas, crime organizado, normalmente atrelados ao tráfico de drogas.

A violência urbana, segundo as Secretarias de Segurança Pública dos Estados Brasileiros, pode ser basicamente constituída de quatro grandes grupos: contra a pessoa, contra o patrimônio, contra os costumes e contra outras ocorrências que não se enquadram neste três primeiros grupos. Pode-se inclusive distinguir a violência entre, amadores e profissionais. A primeira auferida pelos furtos, roubos, estupros, dentre outros e, a segunda, de quadrilhas especializadas. A violência e criminalidade estão inseridas nas vidas das pessoas, na miséria, principalmente nos moradores de grandes centros urbanos, onde a migração em busca de emprego e renda é maior.

Todas as sociedades tiveram de aprender lidar com a miséria e criaram regras especiais. Essas regras visaram ao mesmo tempo possibilitar melhores situações de vida para os menos favorecidos, dando-lhes trabalho, ao mesmo tempo protegendo de possíveis ameaças de violência contra o patrimônio e a pessoa. Vagabundos, criminosos e bandidos deveriam ser severamente punidos (SCHWARTZMAN, 2004).

Para Peralva (2000),

O crescimento da criminalidade é inseparável da desorganização que afetou as instituições responsáveis pela ordem pública, no curso de uma transição democrática longa e difícil. Exacerbou-se a violência policial contra a população civil e acentuou-se o comprometimento da polícia contra o crime. A delinqüência de oportunidade foi estimulada pela ausência de políticas eficientes de manutenção da ordem (PERALVA, 2000, p.87).

Nem todos as pessoas faveladas são bandidos mas, a sociedade sabe que há hoje entre elas um grande potencial de engajamento no mundo do crime e uma grande indeterminação sob seu futura e sua inclusão social. A juventude dos morros, tal como participa da experiência comum, da vida cotidiana dos morros, expostas a uma cultura de violência, começa a sua identificação com o crime e suas escolhas são efetuadas. Grande parte delas, motivadas por seus anseios reprimidos, sua vontade de vencer a qualquer custo, os conflitos inter-pessoais e com outras pessoas, o individualismo social comum, incentiva o engajamento ao mundo obscuro da criminalidade (PERALVA, 2000).

Um fato importante é que o percentual de pobres que optam pela carreira criminosa, é baixo. A maioria das pessoas de baixa renda, moradores em morros, favelas e bairros pobres, são trabalhadores honestos. Estudos apontam para uma visão que a maioria dos crimes são entre as pessoas de baixa renda. Apesar das enormes desigualdades existentes no país, são poucos os jovens pobres que enveredam pela carreira criminosa (ZALUAR, 2002).

Segundo Rosa (2003), “a sociedade sempre estabelece os padrões de comportamento de seus membros. Isso obedece os motivos de ordem prática, em que a convivência de uma certa uniformidade de modos de agir e de pensar torne viável o convívio”. Ainda para ele, o desvio de comportamento é algo que foge das normas e leis auferidas pelos homens, tendo a criminalidade no grau mais alto de repulsa das normas estabelecidas para um comportamento dito normal.

Para poder ter uma compreensão mais eficaz da realidade da criminalidade como fator social, faz-se necessário o reconhecimento dos múltiplos motivos, atrelados a uma realidade social, política, jurídica e as transformações da sociedade, tentar entender a dinâmica da violência urbana. Incrementando fenômenos típicos da vida da metrópole, como: desigualdade social, má distribuição de renda, conflitos étnicos, desemprego, forma de ocupação do solo, entre outros, o crime altera paisagens e comportamentos. Essas, somadas a insegurança, o medo, fazem com que a própria população viva sob tensão permanente (LIMA, 2002).

O fenômeno da violência e criminalidade ocorre, em parte, por causa das restrições legais impostas às autoridades de direito. Numa guerra aberta pelo controle de um território, indivíduos armados, organizações criminosas prevalecem em cima das organizações de segurança pública. As polícias parecem incapazes de evitar a incidência crescente da violência, principalmente nos grandes centros urbanos. A violência não desaparecerá tão cedo, pela existência de um número demasiado de jovens sustentando o poder, e a força (MCNEIL, 2002).

Para Rosa (2003), criminalidade pode ser definida como desvio de comportamento em relação as normas e costumes sociais, do ponto de vista lógico-jurídico, pode ser vista como um exemplo característico de comportamento reprovado pelo grupo e para os quais a

organização de Estado adota medidas punitivas, segundo o grau de reprovação. Para o código de direito brasileiro, “crime é todo ato comissivo ou omissivo previsto na lei penal e que nesta recebe o tratamento de punição”. O crime é classificado em diversas categorias: contra a pessoa, patrimônio, costumes e demais outros. A criminalidade, antes de ser penal, pode ser considerada como um tipo de desvio de comportamento, em decorrência de valores sociais coletivos, no qual o criminoso infringe normas de conduta social, onerando punição, penas enquadradas perante o código civil brasileiro (ROSA, 2003).

Para o autor, existe uma certa correlação entre as relações sociais e materiais, para a criminalidade. Acredita que, o modelo de educação familiar, aos valores sociais, atrelado às condições econômico-financeiras, repercutem em uma precária coesão social, facilitando a tomada de decisão do cidadão ao mundo da criminalidade (ROSA, 2003).

De acordo com Filho e Gall (2002), incentivos perversos desviam recursos e motivação da polícia para prevenir o crime; recursos esses que passam por burocracias inchadas e enormes, caracterizando um caráter expressivo de violência policial. A incapacidade do Estado de garantir a ordem pública motivou formas de violência. Crises na polícia civil, delineadas por acusações de corrupção e participação em atividades criminosas, como o seqüestro, agravaram ainda mais o quadro. A partir daí, formas de segurança privada se davam para a classe mais privilegiada (PERALVA, 2000).

A falta de eficiência do Estado, como órgão regulador e o aumento da circulação de armas de fogo, sobretudo pelo tráfico de armas, abastecendo as quadrilhas, e colocando *poder* nas mãos de jovens excluídos pela sociedade, seduzidos a criminalidade, como uma forma mais fácil de trazer dinheiro para casa, faz com que a violência se torne presente em qualquer parte da cidade, levando o medo e uma sensação de incapacidade de lidar com conflitos sociais. Em uma sociedade em que as relações de consumo são abertas, capitalísticas, e os bens fazem parte das relações sociais, de poder e prestígios, os jovens alienados encontram-se em conflitos internos, entre a capacidade de realização financeira, reconhecimento, poder e trabalho. O crescimento da violência, seria o reflexo da emergência de valores morais, como regras a sociabilidade, interpretada pelas classes menos privilegiadas (ZALUAR, 1998).

Cano (2002), concorda com os demais autores e acrescenta, dizendo que, a América Latina é uma das regiões mais violentas do mundo, com altas taxas de homicídios, criminalidade. Suas causas são adversas, entre elas a urbanização acelerada; a crescente destruição das redes sociais tradicionais; estruturas sócio-econômicas de ampla desigualdade, gerando exclusão social; disponibilidade de armas de fogo e o alto grau de impunidade; atrelado às deficiências do sistema de justiça criminal, alimentam a violência.

Para McNeil (2002), as brechas crescentes entre a sociedade civil em geral os detentores da força legalmente sancionada constituem um mau a paz pública. Parece haver um enfraquecimento dos padrões comuns de comportamento à criação das famílias e as influências negativas da televisão, estimulando práticas violentas. Filmes de teor violento, aceleram e incentivam as práticas criminosas.

A cada dia, o crime se organiza mais, gangues e bandos passam por obediência e disciplina, códigos e uma hierarquia do crime, passam a defrontar-se com a má organização das polícias. Jovens que resistiram a alfabetização, influenciados pela cultura pop, começou a aderir há algum tipo de revolta contra as normas impostas pelos adultos e as lealdades públicas. Muitos dos conflitos sociais, seriam transformados em situações amenas, se houvessem uma participação de todos, mas os Estado, como força maior e espelho, se encontra em sua incapacidade estrutural (MCNEIL, 2002).

Burke (2002) afirma que, em muitos lugares e períodos, a violência urbana esteve associada a uma facção ou grupo estruturado, composto por protetores e clientela, sendo suas vítimas os membros da facção oposta. Quanto aos motivos da violência, vários autores e psicólogos indagam que a violência urbana é muito complexa, assim como seus motivos, podendo ser racional ou irracional. Em atividades festivas e passeatas, como greves, manifestações, festas de carnaval, eleições, motivos não faltam para a criminalidade mas, devido ao aparato policial, presença massiva, essas manifestações passam a ser reprimidas.

A violência urbana não é nova, mas não assume as mesmas formas em todas as épocas, distinguindo pelos tipos de agentes, vítimas, ocasiões, tecnologia, local, entre outras. O mundo do crime organizado é basicamente atrelado às drogas, diretamente pela venda, comercialização do produto, indiretamente pelos roubos, furtos e assaltos auferidos pelos delinquentes para financiar o tráfico. A corrupção policial, o mercado da droga, a presença

de quadrilhas e a desigualdade social, são apontados como os principais influenciadores das práticas criminosas (ZALUAR, 2002).

Os crimes ligados ao uso de tóxicos, principalmente de drogas amplamente conhecidas na sociedade comum, geram dificuldades por parte dos organismos repressores das atividades criminosas, em saber se é para o consumo, ou comercialização. O poder público, juntamente com as polícias, utilizam apenas a quantidade apreendida como fator decisório de pena, como na verdade, o usuário faz parte, alimenta o mundo do crime, pois, sem demanda, a oferta por si só é eliminada. A sociedade tem sua parcela de culpa, sendo pessoas, na maioria dos casos, classe média alta como os maiores consumidores de droga (ROSA, 2003).

Quanto aos homicídios, sabe-se que na maioria das vezes são por motivos frívolos, muitas vezes familiares, por vingança ou motivados por drogas, motivados ainda por defeitos e problemas da sociedade que criamos. A agressividade se faz presente no ser humano e nos animais, já a violência é um ato humano, sendo racional, quando se volta com um objetivo concreto, irracional, motivados por um desejo inconsciente. Festas, bares, álcool são estimuladores da criminalidade (MANSO, 2002).

Para a maioria dos autores, a violência e criminalidade estão relacionados com a incapacidade do Estado em lidar com o crime organizado. Com o despreparo das polícias, a sociedade perde forças no combate contra, sobretudo o tráfico de drogas que, a partir daí, dissociam em outros crimes, como o seqüestro, roubos e furtos de maneira geral. O crime organizado se faz forte, por seu caráter de planejamento e falhas nas leis, penas e na ausência de fator social, como obrigação do Estado, cabendo a ele, um maior rigor punitivo, e resgate de sua autoridade.

Para Tognolli (1996), o crime organizado foi ampliando fronteiras, formando o cartel de Cali e Medellín. De acordo com dados de organismos internacionais, em 1978 agentes especiais da Polícia Federal brasileira e a DEA (Agência Antinarcóticos dos Estados Unidos) infiltram entre representantes dos cartéis de Cali e Medellín, e afirmam que os cartéis já começam a invadir o Brasil.

As grandes metrópoles, como a cidade do Rio de Janeiro, tem um bom exemplo do crime organizado, quadrilhas especializadas, com elevado poder de fogo, armas e munições, utilizam dos morros, favelas como ponto de distribuição da droga, usando das famílias moradoras da região, dificultando acesso das polícias na coibição da atividade criminosa. Tais organizações são, cada vez mais violentas, lutam entre si, em domínios de pontos de venda e do medo como prática para se manter. O mundo da droga é muito rentável, traficantes ganham muito mas, normalmente vivem pouco (ROSA, 2003).

O tráfico de drogas e armas, usando “mulas” como transporte de pequenas quantidades e maiores em aviões e *contenners*, coloca o Brasil como rota internacional. Rota pelo qual, drogas produzidas na Colômbia, Venezuela, Peru e Bolívia, passam pelo Brasil para serem distribuídas para o mundo inteiro, através sobretudo de navios e aeroportos. Uma outra face do crime está no chamado colarinho branco onde, segundo Tognolli (1996), empresários e supostos políticos financiam o crime.

O crime organizado advém, das máfias centradas no mundo inteiro. A Cosa Nostra Siciliana cresceu na Itália, como apoio logístico de grande parte de população de mais de 5 milhões de pessoas. A máfia evidenciou-se por dezenas de assassinatos, sobretudo de pessoas ligadas ao governo que eram contra a disseminação da droga. Quem tivesse interesse em fazer parte, tinha que mostrar suas habilidades e características, sendo a capacidade de obediência e o pacto de sangue, como uma das principais (TOGNOLLI,1996).

Para se ter sucesso dentro da máfia, um plano de carreira era inevitável. A primeira promoção era ser *capodecina*, o chefe de um grupo de dez membros, na seqüência, *capomandamento*, sendo o sub-chefe de um vilarejo ou município, e assim por diante. As penas, em caso de não cumprimento de metas, eram severas, variando desde decaptação da primeira falange do dedo à morte (TOGNOLLI,1996).

A eliminação de autoridades, como forma de se manter era inevitável, sendo assim, a Cosa Nostra Siciliana avançou em uma estratégia de alargamentos de suas fronteiras, invadindo outras cidades, pulverizou-se ações criminosas na Itália. Para o FBI<sup>1</sup>, a Cosa Nostra

---

<sup>1</sup> Federal Bureau Investigation, (Escritório Federal de Investigações), tradução nossa.

Americana, denominada como LCN (La Cosa Nostra). Constituída por mais de três mil pessoas e estima-se que o grupo movimentava cerca de US\$ 90 bilhões. A base da organização está em Nova York, e desmembrada nas principais estados e cidades americanas, como Flórida, Lãs Vegas, Chicago, entre outras (TOGNOLLI,1996).

Com o fim do Estado Soviético, e o surgimento de formas pré-capitalistas na oferta de bens de consumo, surge um pólo na Rússia, de grupos criminosos, com relações formais com os governos, sistema bancário, empresários. Estima-se que em 1994, 40% dos negócios privados russos, tinham influência de uma máfia que se denominava, Máfia Russa. Essa máfia, eram muito influente em todos os campos da economia e governo, contava com cerca de 3 mil criminosos que, em pouco tempo tinham conexões em 29 países (TOGNOLLI,1996).

A organização criminosa Yakuza, máfia japonesa que possui 90 mil membros, espalhada pela sociedade nipônica, gerada basicamente pelo fim do regime feudal, no qual jogou no desemprego 500 mil samurais. Samurais revoltados com os novos tempos, trataram de formar grupos criminosos, que aos poucos foram ampliando seus negócios pelos Estados Unidos, Havai, Sudeste Asiático e Filipinas. De acordo com documentos divulgados pela ONU (Organização das Nações Unidas), a máfia japonesa recruta pessoas de baixa renda, como prostitutas, no mundo inteiro, hoje inclusive no Brasil, mais precisamente em São Paulo, onde sua influência por bairros japoneses se dão com maior facilidade. Outras quadrilhas internacionais de crime organizado estão espalhadas pelos continentes, entre elas a máfia chinesa, controlando desde operações de esterionato, crimes de colarinho branco até seqüestros, assassinatos e estorções (TOGNOLLI,1996).

Adorno (1994) concorda, acrescentando que, a criminalidade em sua outra parte, se relaciona com a delinqüência infanto-juvenil que, trazidos pelos jornais, noticiários, revistas e outros, mostram diversos crimes em suas instâncias, simples, hediondos ou violentos, como os homicídios e as chacinas.

Segundo o *National Information Clearinghouse (NIC, 2000)*, citado por Gonçalves (2003)

A negligência se caracteriza pelo fracasso em prover as necessidades básicas a criança. A Negligência pode ser física, educacional ou emocional. A negligência física inclui recusa ou postergação na busca de cuidados de saúde, abandono,

explosão do lar ou recusa da permissão de retorno ao lar, e supervisão inadequada. A negligência educacional inclui a permissão de vadiagem crônica, fracasso em matricular na escola a criança em idade de ensino obrigatório, e fracasso em atender a uma necessidade educacional específica. A negligência emocional inclui as ações como a desatenção acentuada para com as necessidades efetivas da criança, a recusa em promover os necessários cuidados psicológicos, o abuso contra a mulher na presença de criança, e a permissão do uso de drogas ou álcool pela criança. A avaliação da negligência contra a criança requer que se levem em consideração os valores culturais e os padrões de assistência, assim como o reconhecimento de que o fracasso em promover as necessidades podem estar relacionados com a pobreza (NIC, 2000 apud GONÇALVES, 2003, p. 165).

Para Oliveira (2002), crianças e jovens no mundo do crime, tendo a princípio atividades criminosas menores, como pequenos furtos, roubos, promovem uma escalada para as tendências de crimes de natureza mais forte. Esta escalada se dá inclusive, no apadrinhamento dos traficantes nos morros e favelas e nas cadeias e presídios tendo como escola do crime, desencadeando maior violência e crimes cada vez mais graves.

Para a questão das drogas, Zaluar (2002), concorda com os demais autores que, as quadrilhas de traficantes, apadrinham crianças de jovens, principalmente dos quatorze aos dezessete anos, tornando-os jovens guerrilheiros do tráfico. Sendo muitas vezes, expandidos fora dos morros e favelas as atividades criminais dos mesmos. Segundo NIC(2000), citado por Gonçalves (2003, p. 167):

O abuso emocional, psicológico, verbal, injúria mental, inclui atos ou omissões pelos pais ou responsáveis que causaram, ou podem causar, sérios danos comportamentais, cognitivos, emocionais ou mentais. Em alguns casos de abuso emocional, atos isolados de pais e responsáveis, sem nenhum dano evidente no comportamento ou na condição da criança, são suficientes para garantir a intervenção dos serviços de proteção a criança. Pro exemplo, os pais ou responsáveis podem usar formas bizarras de punição, tais como o confinamento de uma criança em um quarto escuro. Atos menos severos, tais como usar habitualmente a criança como bote expiatório, depreciar-la, ou rejeitar-la, são difíceis de provar (NIC, 2000 apud GONÇALVES, 2003, p. 165).

A violência contra a criança impera desde séculos passados, épocas onde se registravam mortes de crianças, em Roma e na Grécia antiga, como por exemplo, os Gregos eliminavam sumariamente crianças portadoras de deficiência física. Infanticídios, eram vistos por volta do século IX antes de Cristo. A cultura guerreira valorizava o indivíduo forte, saudável e corajoso e, assim, era o solo fértil para que os pais, acatando a recomendação dos deuses e médicos, aceitassem cometer o assassinato contra seus próprios filhos (GONÇALVES, 2003).

No início da década de 70, publicações começam a ser vistas na área de violência contra a mulher e a criança. A partir daí, estatísticas de incidência deste tipo de crime começam a ser difundidas, mostradas as suas principais causas, com o apoio da psicologia. Mostrando que, muitas destas crianças, preferem morar nas ruas, praticando pequenos delitos, para sua sobrevivência, a morar em seus lares (Golçalves, 2003). A grande maioria dos estudos sobre a violência e criminalidade contra a criança, é de origem européia ou norte americana. Suas concepções tendem a ser mecanicamente reproduzidas. Nos dias de hoje, espancamentos de crianças, maus tratos, abusos sexuais e mortes, imperam as diversas classes sociais, intensificadas mais, nas classes menos favorecidas. Em países pobres, como por exemplo a África, mutilação de órgãos sexuais são ainda práticas comuns. A violência doméstica, é vista nos lares das famílias brasileiras, principalmente espancamentos, abusos sexuais e queimaduras (GOLÇALVES, 2003).

A preocupação com o crescimento exponencial da violência é assegurado basicamente por dois pressupostos: o primeiro, a suposição de que a criança vítima de violência tem grande possibilidade de transformar-se em um adulto violento, que abusará também de seus filhos; o segundo, a idéia de que a violência em casa contribui para o crescimento dos índices de criminalidade, pois a violência com o qual a criança se habitua em casa pode ser posta a serviço do cometimento de crimes e delitos (GONÇALVES, 2003).

A lei brasileira é muito tolerante, crimes praticados contra crianças por aqueles que são responsáveis diretos por leis e normas de conduta, regidos pelos anfitriões das políticas, sejam elas sociais ou não, afrontam com situações de criminalidade incessante. Crianças perdem uma melhor cultura, são obrigadas a trabalhar cedo demais, se defrontando com caos da vida das metrópoles, perdendo suas representações sociais, vivendo em situações de desumanidade, fome, sede, presenciando violências, crimes, homicídios e abusos sexuais (GONÇALVES, 2003). Segundo Convenção sob os Direitos da Criança, adotada pela Assembléia Geral da ONU em 1989, citado por Gonçalves (2003), roclama que:

Art. 18-2 A fim de garantir e promover os direitos enunciados na presente Convenção, os Estados Partes prestarão assistência adequada aos pais e aos representantes legais para o desempenho de suas funções no que tange à educação da criança, e assegurarão a criação de instituições e serviços para o cuidados das crianças.

Art. 19-1 Os Estados Partes adotarão todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educacionais apropriadas para proteger a criança contra todas as formas de violência física ou mental, abuso ou tratamento negligente, maus tratos ou exploração, inclusive abuso sexual, enquanto a criança estiver sob a custódia dos pais, do representante legal ou de qualquer outra pessoa responsável por ela.

Art. 19-2 Essas medidas de proteção deveriam incluir, conforme apropriado, procedimentos eficazes para a elaboração de programas sócias capazes de proporcionar uma assistência adequada a criança e as pessoas encarregadas de seu cuidado, bem como para outras formas de prevenção, para a identificação, notificação, transferência a uma instituição, investigação, tratamento e acompanhamento posterior dos casos acima mencionados de maus tratos à criança e, conforme o caso, para a intervenção judiciária (GONÇALVES, 2003, p.138).

O Estatuto da Criança e Adolescência (1990), permitindo a livre circulação de crianças a partir dos 12 anos de idade, fonte de inserção da criança nas ruas. Gerou um rebaixamento da idade de responsabilidade penal para 18 anos (artigo 228 da Constituição Federal), o tema foi polêmico (Peralva, 2000). Desde que o tema foi inserido na legislação internacional, vários países buscaram a atualização de seus códigos jurídicos, afim de melhor adequar aos princípios de direito a proteção da infância, aos moldes modernos. De acordo com Gonçalves (2003),

quanto a proposta de intervir na família para reduzir a violência se pauta na criminalização dos pais, ela traz a cena, controles mais diretos da conduta, e coloca no horizonte da intervenção técnica o Código Penal em vigor. No artigo 136, o código penal estabelece pena por colocar em qualquer tipo de perigo a vida e bem estar da criança (GONÇALVES, 2003, p. 148).

Rosa (2003) concorda com os demais autores, em que o aumento nas penas não fazem nenhum efeito se os criminosos sabem que provavelmente, se forem pegos, não a cumprirão. Afirma que o problema reside na probabilidade de punição. Confirma que as polícias, normalmente despreparadas, quando prendem, o poder judiciário muitas vezes, por problemas de legislação e outros, são omissos. Quando também, em grandes parte, fogem.

Já Santos (2005) critica a política internacional de direitos humanos, dizendo que se enquadram e privilegiam interesses internacionais, ignorando as diversidades culturais que sustentam um falso universalismo. Diz ainda, que os direitos humanos não podem ser universais no que diz respeito a sua aplicação. Toda cultura precisa ser respeitada e trabalhada de forma específica, regionalizada para se poder entender os motivos da violência, e trabalhar em cima de suas especificidades. Requer solucionar as contradições

da cultura para fazer cessar a violação do direito e ao mesmo tempo preservar a identidade local.

Os sentidos da violência parecem inesgotáveis, além das guerras, conflitos e o terrorismo, há uma incidência, principalmente na América Latina, como o Brasil, lutas por conquistas de terras e reforma agrária. Estas, se dão por parte do Movimento dos Sem Terra (MST), atuante em toda nação, por lutas na tentativa de garantir o direito de cidadania e uma melhor enquadramento social (GONÇALVES, 2003).

Quando se fala da violência brasileira, refere-se à criminalidade, de um lado é compreensível, pelo choque psicológico, considerando o índice de homicídios dos centros urbanos, por outro, o expressivo número de mortes em acidentes de trânsito, todas formas mais visíveis de violência. Essa visibilidade, provocada pelas mortes na via pública que ostentam os corpos nas ruas, ostenta uma forma pura de destruição (GONÇALVES, 2003).

No Brasil, a tendência se faz diferente do resto do mundo, enquanto em países desenvolvidos fala-se de reduções de índices de violência e criminalidade, o Brasil examina pouco as razões pelas quais as instituições de segurança pública estão falhando na proteção da população. Governantes são incapazes de assumir o controle efetivo das forças policiais que estão sob sua responsabilidade (FILHO; GALL, 2002).

Durante muitos anos, em um passado histórico, governantes e autoridades fizeram pouco ou nenhum esforço para coibir as atividades de exploração de aluguéis e impostos de seus súditos. Havia um verdadeiro interesse comum entre os governantes e súditos em uma colisão de interesses entre pagadores e coletadores de impostos e aluguéis. Essa dualidade explica por que o monopólio burocrático da violência, que se rompia com frequência, era restaurado regularmente, sempre que as populações locais produziam um excedente tributável (MCNEIL, 2002).

O sistema de segurança pública é deficiente, obstáculos são vistos a todo momento entre as forças que regem a segurança nos Estados. A polícia militar conduz o patrulhamento para manter a ordem pública e prender os infratores durante o cometimento do crime. A polícia civil, investiga crimes de autoria desconhecida e processa as prisões feitas pela polícia militar. O obsoleto sistema de polícia no Brasil, é um obstáculo aos desafios e

responsabilidades, sendo culturas e choque entre as polícias obstáculos naturais a sua eficácia (FILHO; GALL, 2002).

O negócio do tráfico de drogas, é altamente rentável. Exércitos de jovens carentes, muitas vezes motivados pela cultura local e por forças de fraquezas sociais, como a falta de emprego, tem-se a formação de jovens guerrilheiros, trazidos pela falsa impressão de poder, entre sua própria comunidade, dinheiro fácil, através da comercialização de drogas, e proteção das bocas de fumo, bem como, a proteção aos seus *chefes*. Trazidos inclusive, às ruas, como forma de atividades criminosas, como furto e roubo.

O processo de luta por identidade, por ser reconhecido e respeitado, ao novo mundo moderno, globalizado, sem fronteiras, sobrepõe a violência por um grito de existência, de se fazer existir. As contradições sociais da modernidade, atingem as formas de relacionamento interpessoal e a vida cotidiana das pessoas (GONÇALVES, 2003).

O contato entre as culturas, potencializado pela modernidade, dinamiza efeitos de descontinuidade e estruturas de poder, desequilíbrios, tensões e disputas entre culturas do mundo globalizado. Processos de exclusão social, dão sentido a frustrações e tensão por parte da maioria pobre, trazendo a discrepância entre suas possibilidades e não possibilidades de uma vida mais digna, seja no campo financeiro e na sociedade. A rejeição da minoria rica, só faz esquentar as diferenças (GONÇALVES, 2003).

Feiguin & Lima(1995) citado por Lima(2002) ressaltam que,

o crescimento das taxas de violência justificaria a intensidade do medo e da insegurança observada entre as população das médias e grandes cidades, mas destacam também que há muitas vezes, discrepâncias entre percepção de um crime e sua inserção no movimento da criminalidade. Um crime despertará maior ou menor temor na sociedade, dependendo de sua capacidade de mobilizar a opinião pública, do risco que diferentes grupos atribuem a determinados comportamentos delinqüências e da maneira como os vários atores sociais se portam diante de tal crime (FEIGUIN e LIMA, 1995 apud LIMA, 2002, p. 38).

De acordo com Tognolli (1996), no Brasil, como um país subdesenvolvido, com sérios problemas sociais, meninos de rua, deparados com situações de miséria, fome, falta de atenção, prestígio, excluídos por todos, no qual se apresentam como *padrinhos*, salvação de uma situação deplorável, o mundo do crime. Pequenos furtos são inevitáveis, a droga, já se

faz presente em suas vidas de forma de uso e comercialização, sendo o caos social e o desemprego estimuladores de ações criminosas. Os delinquentes de São Paulo e Rio, utilizam de atentados contra policiais como meio de vingança de atos de repressão ao crime e invasão de território de domínio. Estes atentados são, normalmente á bases policiais fixas ou móveis nas proximidades dos morros e favelas. Violência, costuma gerar violência contrária, por esse motivo, a necessidade de uma estrutura sólida, planejada, por parte do governo, incluindo policiais bem treinados e aparelhados, para se ter eficiência nas ações. A participação das comunidades, sociedade e opinião pública se faz jus (ROSA, 2003).

Para Peralva (2000), a queda dos números do emprego formal, percebido nas últimas décadas, sobretudo na indústria, gerando milhões de trabalhadores desempregados, foi preponderante para o surgimento do trabalho informal que, durante muitos anos apresentava alguns focos e hoje, passa a ser massificado e fonte de renda de inúmeras famílias. Como ponto positivo, milhares de trabalhadores tiveram que voltar aos bancos escolares para estudar, fazendo cursos de atualização profissional, para buscar uma colocação no mercado profissional. Muitos deles, no qual a entrada como funcionário de alguma empresa não foi possível, buscou formar sua própria empresa e entrar no competitivo mercado, outros, se tornaram ambulantes (informalidade). O fenômeno, gerou inclusive, um impacto muito grande na industria cultural, formando milhões de adeptos as crenças religiosas (PERALVA, 2000).

O declínio no emprego industrial, foi uma causa importante da desorganização das relações sociais e de trabalho, o número de desempregados aumentou muito, sendo a partir daí, a relação entre pobreza e criminalidade se deram mais nitidamente (COSTA, 1997).

O desenvolvimento da indústria, dado pela tecnologia, generalizou e radicalizou as atividades violentas do homem. O desenvolvimento tecnológico trouxe um novo modelo, com isso, a defesa de territórios e interesses contra possíveis agressões tornaram-se mais comum entre a sociedade dinamizada, sobretudo através das Primeira e Segunda Guerra Mundial (COSTA, 1997).

Devido a um Estado em redimensionamento de suas funções sociais, por sobretudo uma necessidade de redução de déficits públicos, feito por exigências de comprometimento de metas de acordos internacionais, ao crescimento das práticas econômicas clandestinas

(informais), houve uma perda de eficiência e diminuição das funções sociais das instituições governamentais. Como contrapartida, um aumento de diversas formas de violência urbana, principalmente nos países e regiões mais pobres (COSTA, 1997).

Com a geografia de mortes violentas caracterizadas nas regiões mais pobres, nas periferias e morros, diferentemente dos bairros ricos. Com o tempo, outras idéias foram emergindo, como dados a razão dos aumentos de violência, às transformações da vida social das pessoas, conflitos e revoltas individuais principalmente. Mudanças sociais desfazem vínculos, a medida que inclui outros. Transformações no trabalho, internacionalização de mercados, formam o individualismo de massa (PERALVA, 2000).

O combate à violência requer muito mais do que ações individuais de manutenção da ordem pública, requer mudança de valores, como por exemplo o patriotismo, melhoria de condições sócio-econômicas, mudança na ordem pública, como destruição da máfia alojada nas polícias, principalmente civil e militar. Quebrar a relação de policiais criminosos e corruptos e dar á eles melhores condições de trabalho. Com relação ao tráfico de armas e drogas, fechar as fronteiras, quebrar as quadrilhas, facções criminosas, como por exemplo o comando vermelho instalado nas favelas da cidade do Rio de Janeiro. Melhorias inclusive das unidades prisionais, presídios, cadeias e sua superlotação. Para Peralva (2000), às questões democráticas precisam ser vistas com maior profundidade.

Para tentar-se reduzir a violência, principalmente homicídios nos grandes centros, Filho; Gall (2002), cita: (1) programas específicos de prevenção e combate aos homicídios; (2) definir prioridades e recursos; (3) definir responsabilidades; (4) apreensão de armas de fogo; (5) interação com a comunidade; (6) providências adicionais e quebras de barreiras burocráticas e (7) rever o verdadeiro papel do Estado, para a segurança pública, e polícias civil e militar. Dada a situação emergente, pelo desenvolvimento e generalização da violência e o sentimento de insegurança por parte da sociedade, o uso da força tornou-se ainda evidente, a agressividade e uma nova cultura mais de defesa e individualismo se fez presente (COSTA, 1997).

Pizam; Mansfeld (1995), afirmam que a violência no turismo é na maioria dos casos, uma questão de má gestão política e social. Questões de cunho político, como o terrorismo, afetam diretamente o turismo, trazendo medo a população, existem várias outras, como por

exemplo, a questão de planejamento da segurança pública que precisa ser muito bem trabalhada. Questão sociais, como melhoria de condições de vida da população e educação, estão diretamente relacionadas com a questão do ócio e das inter-relações de principalmente jovens com o mundo da criminalidade.

Os efeitos da violência são extremamente negativos para a indústria do turismo, faz-se reduzir a demanda por viagens às regiões entre as quais, têm assas características mais fortemente vistas. A participação do governo, população e instituições ligadas ao turismo, é de fundamental importância, para reduzir os índices criminais, possibilitando melhores condições de permanência aos turistas e a população local (PIZAM; MANSFELD, 1995).

Costa (2005), afirma que há uma relação direta entre criminalidade e pobreza, ressalta que, a maioria dos criminosos são analfabetos, onde não tiveram possibilidade de se dedicar aos estudos, são normalmente trabalhadores braçais, predominantemente de cor negra, onde não se tem condições de sustento para si próprio e para suas famílias.

## **2.2 Rio de Janeiro: Violência e Turismo**

### **2.2.1 Uma breve passagem pela história e política**

O medo se perpetua desde séculos passados, onde nos séculos XVIII e XIX, as prisões foram projetadas como fábrica de disciplinas. No Rio de Janeiro, com o fim da escravidão, as elites brancas lidavam cotidianamente com o medo da insurreição negra. O século XX, é visto o declínio do poder político e a ascensão do poder econômico transnacionalizado. O capitalismo tardio que criminaliza a pobreza, precisa de medo para levar suas políticas de controle social, nas favelas e nas prisões o seu maior refúgio. Desde desta época, o Rio de Janeiro já levava uma vida de insegurança (BATISTA, 2003).

A cidade do Rio de Janeiro durante o período colonial, surgido como porto e fortificação militar, adquiriu papel estratégico como eixo do tráfico de escravos para exploração, baseadas na prata, ouro e cultivo do café. O forte aspecto “cofre-forte militar-naval”, servindo como elemento de defesa da colônia, foi elemento decisório de Portugal em ocupa-la, constituindo um centro militar (OSÓRIO, 2005).

O Rio de Janeiro, pós Segunda Guerra Mundial, durante o período de industrialização, teve como centro a indústria petrolífera, principalmente o interior do Estado. Esta dinâmica possibilitou seu crescimento e a proliferação de trabalhadores de outras partes do país para a capital. Apesar de suas potencialidades, após o período de industrialização, a cidade de São Paulo toma a frente, causando a perda de dinamismo da economia fluminense. Este fato se teve basicamente pela falta de interligação entre núcleo e periferia (SANTOS, 2003).

Osório (2005) acrescenta dizendo que a cidade do Rio de Janeiro e estado, por volta da década de 60, era palco central de empresas multinacionais, tais como a Companhia Nacional de Alçais, CSN, BNDE, Vale do Rio Doce (CVRD), Petrobrás, Refinaria Duque de Caxias (Reduc), Banco Nacional da Habitação (BNH) e Empresa Brasileira de Telecomunicações (Embratel). Esse crescimento econômico, beneficiou não só a economia local, como a brasileira como um todo.

O Rio de Janeiro, durante quase duzentos anos, cedia a capital do país, onde pouco se preocupou com desenvolvimento econômico. O interior do Estado se beneficiou pela indústria cafeeira até sua transferência para o interior paulista. Em 1975, derivado da fusão do Rio de Janeiro com o Estado da Guanabara, Projetos de desenvolvimento regional (II PND) não estava mais em pauta, pela crise que assolava a economia brasileira na época. A situação declinou até 1990, quando o PIB fluminense passara de 16,07% para 11,43%, e 11,02% em 1997 (SANTOS, 2003).

Transferindo o eixo de suas funções para área terciária, o Estado passa a receber investimentos do governo federal bem expressivos, como parâmetro, recebera o dobro dos investimentos do estado de Minas Gerais. Através da reforma do estado, de políticas do petróleo e desenvolvimento de extrativa mineral, o estado volta a se desenvolver, possibilitando uma participação superior a 43% do PIB brasileiro em 1997. O estado mesmo em declínio de suas atividades, em relação a São Paulo, não perde o segundo lugar da economia brasileira, baseando nos serviços como fonte geradora de emprego. A decadência da economia fluminense coincidiria, portanto, com o surgimento do complexo cafeeiro paulista (SANTOS, 2003).

A dinâmica demográfica no estado do Rio de Janeiro é caracterizada por uma forte polarização em torno da região metropolitana. Com a mudança da capital para Brasília, em vez de ser unificadora com o resto do estado do Rio, passa a se constituir um novo estado, estado da Guanabara que, se manteve até 1975, quando ocorreu a fusão dos dois estados. Com a expansão da população e seu crescimento acima dos níveis brasileiros, os espaços do Rio se tornam mais povoadas, dados os contingentes migratórios das áreas rurais, interior do estado e contingentes de outros estados em busca de emprego (SANTOS, 2003).

Osório (2005) concorda com Santos(2003) ao afirmar que desde sua origem como fortificação militar, eixo de logística nacional, e consolidada do ponto de vista político, cultural, econômico e social, desde a chegada da Família Real, a cidade passa por profundas transformações na dinâmica institucional. Com a transferência da capital para Brasília, em 1960. Região caracteriza pelo poder político, passou, logo após por transformações para se adequar ao novo desenvolvimento econômico-social. Concorda ainda, com o fato de São Paulo ter tomado seu posto de desenvolvimento econômico, ficando em segundo lugar, com teores de crescimento, ao longo dos anos de 70 à 1993, abaixo de outros estados como Minas Gerais e São Paulo.

No Rio de Janeiro, com a chegada de trabalhadores de outros estados em busca de trabalho e, com os problemas de desemprego gerado pela indústria, fizeram com que as favelas passassem por uma expansão sem limites e a prestação de serviços e o trabalho informal fosse ampliado (PERALVA, 2000).

A escola, foi o primeiro espaço de encontro entre jovens de comunidade carente e de classe média. A praia, como espaço público e democrático, em segundo lugar, aproximou mais ainda as classes. Quanto ao trabalho, para muitos jovens foi precoce e constituiu experiência, na formação de trabalhadores honestos e comprometidos. Jovens não acreditam no governo, na política de uma forma geral, uns vão para o trabalho honesto, outros para o mundo do crime (PERALVA, 2000).

Em 1970, os delitos já eram altos, em 80, no momento de abertura política, o crescimento das taxas de homicídio acelerou, combinando com outras formas de violência. Quanto as instituições responsáveis pela ordem pública, se encontravam desorganizadas, choques

entre o antigo regime autoritário e o democrático se deram. Os primeiros pontos de obstáculos legais, foram por parte dos militares, que impediram a reforma da polícia. Direitos da pessoa sendo violados, diversificações de práticas criminosas envolvendo diretamente os policiais se beneficiam da fragilidade institucional (PERALVA, 2000).

No momento, frente a eleição do estado do Rio de Janeiro, em 1982, Brizola torna público sua posição de proteção às classes menos favorecidas, contra a força policial que, para ele, agia contra os princípios legais de normas dos direitos civis. O Conselho de Justiça, Segurança Pública e Direitos Humanos foi criado em 1983, para atender estes preceitos. Práticas de curto prazo não eram vistas como solução à criminalidade. Choques com o aparelho policial aconteciam, autoritarismo federal, impediam a tomada de decisões no exercício dos recém eleitos e as reformas necessárias, fatos ocorridos durante um período de crise econômica. O governo Brizola, em choque com as polícias, foi responsabilizado pela desordem e o aumento dos índices de criminalidade no Estado (PERALVA, 2000).

No Rio de Janeiro, com a chegada de trabalhadores de outros estados em busca de trabalho e, com os problemas de desemprego gerado pela indústria, fizeram com que as favelas passassem por uma expansão sem limites e a prestação de serviços e o trabalho informal fosse ampliado (PERALVA, 2000).

O fato de ter sido a capital do país, tendo a migração de outras cidades e estados, favoreceu o desenvolvimento do caos urbano. O espaço urbano desenvolveu-se, novos bairros surgiram, havendo uma repulsa de locais de planície da população mais pobre, pela especulação imobiliária, levando-a para outros locais, mais distantes, como a baixada fluminense, e outros, de certa forma privilegiados pela localização, sobretudo nos morros da zona sul carioca. A verdadeira simbiose entre favelas e bairros ricos, daí derivou (PERALVA, 2000).

Políticas de erradicação das favelas foram colocadas a tona, mas sem nenhum sucesso. A partir daí, ao longo dos anos 80, foram criadas políticas de urbanização nos morros cariocas, na tentativa de amenizar o problema e tentar resolver outros, como o caso do lixo e rede sanitária. A eletrificação também aparece, dando um passo decisivo na urbanização das favelas e morros, favorecendo uma melhor condição de vida para a população. Todo esse processo foi dado por parte do Estado, com forte pressão da comunidade, de forma de

mobilização interna, onde a abertura democrática serviu como forma de expressão (PERALVA, 2000).

A partir daí, estabelecimentos comerciais foram surgindo, como supermercados, padarias, açougues, drogarias, lojas e outros, fazendo com que as favelas fossem transformadas em bairros pobres. Famílias não queriam morar perto dos morros cariocas, principalmente na zona sul, onde se concentra a classe mais privilegiada (financeiramente). Imóveis das imediações foram desvalorizados, a favela desceu. Moradores dos morros começaram a alugar os imóveis, melhorando assim, suas condições de vida. A zona sul do Rio, tendo a maior concentração de escolas públicas e privada, a favela Santa Marta, apresentava na década de 90, índices de escolaridade até os catorze anos, de mais de 80%. Índices bem superiores ao Estado que são 61% (PERALVA, 2000).

Com o fim da ditadura militar, Brizola tentara dar a polícia o padrão de respeito aos direitos humanos que a instituição havia perdido, principalmente, quando em 1983, marcado pela redemocratização do país e pela entrada de Leonel Brizola ao governo do Rio de Janeiro, traduzindo a escalada da criminalidade (FILHO; FILHO, 2003).

No governo Moreira Franco, na tentativa de reverter o quadro caótico de seu antecessor, com uma campanha tendo a segurança pública como uma de suas principais ações, prometeu acabar com a violência em seis meses. Com o fracasso de Moreira Franco, em 1990, Brizola volta ao governo, saindo anos após para se candidatar a presidência (FILHO; FILHO, 2003).

Em 1994, Marcello Alencar vence as eleições e não dá prioridade ao tema de segurança, certamente evitando atrair problemas a sua carreira política no Rio. Logo após, Anthony Garotinho, dedicando tempo para estudar a estratégia do crime, e programas de controle de armas (Viva Rio), trouxe um certo desconforto aos grupos armados, aos traficantes e criminosos que passaram a expandir suas ações de sequestro. Enormes quantidades de drogas eram confiscadas, a população perdera o direito de ir e vir, chacinas, como da candelária e Vigário Geral, mostrando que a guerra não tinha fim (FILHO; FILHO, 2003).

### 2.2.2 Causas da Violência

A deterioração geral das condições de vida urbana, a deficiência de serviços básicos elementares a sociedade fluminense, aliados a um crescente ritmo de expansão imobiliária desordenado e carência na atividade pública e social, deteriorou as relações sociais, surgindo obras emergenciais reclamadas pela cidade para tentar minimizar o caos urbano (OSÓRIO, 2005).

As privatizações, serviram como fonte alavancadora de recursos, diminuindo as pressões nas finanças públicas, servindo inclusive de novas fontes de recursos em infra-estrutura. Serviu inclusive, como mecanismo de melhoria de eficiência da atividade produtiva, submetendo a imposições da iniciativa privada como forma de geração de lucros. O nível da população continuou subindo, tornando mais urgente o ordenamento do espaço urbano.

A globalização trouxe mudanças na forma do emprego e cultura, passando por uma ótica da abertura e internacionalização de mercados. Ao mesmo tempo, como paradoxo, a falta de flexibilidade de instituições, empresas e órgãos reguladores, impedir o desenvolvimento do mercado local, sendo o poder público incapaz de interferir com eficácia nas decisões de alocação ao na localização dos investimentos produtivos (SANTOS, 2003; GONÇALVES, 2003).

Associações entre pobreza e criminalidade eram certas. Com a geografia de mortes violentas caracterizadas nas regiões mais pobres, nas periferias e morros, diferentemente dos bairros ricos. Com o tempo, outras idéias foram emergindo, como dados a razão dos aumentos de violência, às transformações da vida social das pessoas, conflitos e revoltas individuais principalmente. Mudanças sociais desfazem vínculos, a medida que inclui outros. Transformações no trabalho, internacionalização de mercados, formam o individualismo de massa (PERALVA, 2000). Para a autora

O crescimento da criminalidade é inseparável da desorganização que afetou as instituições responsáveis pela ordem pública, no curso de uma transição democrática longa e difícil. Exacerbou-se a violência policial contra a população civil e acentuou-se o comprometimento da polícia contra o crime. A delinquência de oportunidade foi estimulada pela ausência de políticas eficientes de manutenção da ordem (PERALVA, 2000, p. 91).

A incapacidade do Estado de garantir a ordem pública motivou formas de violência. Crises na polícia civil, delineadas por acusações de corrupção e participação em atividades criminosas, como o seqüestro, agravaram ainda mais o quadro. A partir daí, formas de segurança privada se davam para a classe mais privilegiada (PERALVA, 2000).

A modernização na sociedade, uso indiscriminado de drogas, como o crack, fizeram surgir formas alternativas de violência, como os arrastões nas praias cariocas e disseminados para outros estados. Brigas em bailes *funk*, onde quadrilhas se cruzavam, apologia ao sexo, uso de drogas, espancamentos e homicídios eram comuns (PERALVA, 2000).

Dado o descontrole, as favelas se descobriram como epicentro das principais operações de base do narcotráfico e criminalidade. Antes do advento da droga, habitantes das favelas viviam pacificamente, não havia nenhum tipo de rivalidade criminosa entre os morros do Rio de Janeiro, em especial, da sul carioca. Associação de moradores eram fortes e viviam em harmonia (PERALVA, 2000).

Até 1984, o comércio varejista de maconha e cocaína desenvolveu-se discretamente. 1985 é marcado com o início do início do crime organizado. Conflitos entre quadrilhas começaram a se difundir, principalmente pela grande escala de drogas que, começava a ser comercializada. Devido ao grande poder das quadrilhas, principalmente de armamentos, inibiram as associações contra o regime local não democrático, colocando como representante de moradores, líder comunitário local, chapa eleitoral, ligado a eles. O Comando Vermelho aparece na favela Santa Marta (zona sul do Rio de Janeiro) com toda força (PERALVA, 2000).

Na favela santa Marta, tinha, em 1990, como fenômeno demográfico, influenciador da criminalidade, a presença de uma população de 60% com menos de 25 anos de idade, sendo somente 18,3% da população tinha mais de quarenta anos. Isso implica que, como jovens são menos reprimidos, mais afoitos, com menos senso de responsabilidade e menos preocupados com o amanhã, segundo os principais psicólogos, sua inserção ao comércio de drogas, se torna mais fácil (PERALVA, 2000).

Com a incursão da cocaína na cidade, o consumo passou a ser por pessoas de renda mais alta, pelo alto valor do produto, em comparação com a maconha. O consumo massificou-se

entre a sociedade média-alta, passando a circular um maior volume financeiro. Guerras, armas e mortes passaram a cada dia ser mais necessários, para garantir o comércio altamente lucrativo, os pontos de venda de drogas (PERALVA, 2000).

A influência no narcotráfico se estende além das fronteiras das favelas, passa a ser comercializada inclusive nas praias. Os compradores, passam a financiar as atividades criminosas, favorecendo inclusive, crianças e adolescentes á pequenos furtos, influenciados muitas vezes por drogas, como solventes, as pessoas que se descuidam de seus pertences, na maioria das vezes turistas.

Para os moradores das comunidades, a polícia se faz presente de maneira bruta, muitas vezes com ações, participando mais ainda da violência quando matam, ferem moradores inocentes ou participam de atividades criminosas e corruptas. A comunidade não confia nos governo e nas forças policiais (PERALVA, 2000).

Com o controle do Comando Vermelho sob a favela Santa Marta, foi percebido uma influência muito grande de atividades criminosas com as crianças, ocasionando na adolescência, uma formação criminosa sólida, principalmente por seu trabalho prematuro no tráfico (PERALVA, 2000).

Já em 1992, as quadrilhas começam a usar intensivamente, moradores como verdadeiros soldados do tráfico, influenciados por dinheiro fácil, visto que sua condição social, cultural e financeira era muito precária, favorecia a opção ao mundo do crime. Quadrilhas faziam papel de Estado, garantindo o mínimo necessário para sobrevivência, as pessoas ainda mais carentes. Ao restante da população, cabia a lei do silêncio (PERALVA, 2000).

Segundo Jornal do Brasil e O Globo, citado por Peralva (2000), policias foram cercados dentro da favela Santa Marta, encurralados em um dos becos e recolhidos. A partir daí, uma verdadeira ação de guerra foi firmada para regate dos oficiais, confrontos diretos com bandidos foram inevitáveis, uso da força entre ambos os lados ocasionou mortes de marginais, policias e civis. Um dia após, mais de mil favelados ocuparam as ruas de São Clemente sob violenta manifestação, mostrando o apoio da comunidade as quadrilhas e a repulsa por parte das ações policiais dentro das favelas. Argumentavam que a violência

policial era bárbara e ineficaz (JORNAL DO BRASIL, 07/10/1992; O GLOBO, 08/10/1992 apud PERALVA, 2000, P. 109).

A evolução da pobreza na últimas décadas não explica o aumento da criminalidade apenas pela miséria. O percentual de pobres que optam pela carreira criminosa é baixo, sendo os estados mais produtivos do país, com os maiores índices de violência. Rio de Janeiro, onde o tráfico internacional se intensificou a partir dos anos 70, aliados ao poderio de armas de fogo dos jovens guerrilheiros das favelas e morros, levados muitas vezes, a jovens usuários de classe média, as atividades criminosas, influenciados muitas vezes a roubar para honrar seu vício, compromissos e dívidas contraídas no submundo da droga (EVANGELISTA, 2003).

A cidade do Rio de Janeiro, apresentou, como cidade vitrine, por seu glamour, de um lado, tendo como paradoxo as linhas de trem que levam as pessoas da zona sul aos subúrbios. Em 1970, com a entrada da cocaína, portos e aeroportos serviam de logística do crime. A zona sul carioca, por deter famílias de classe média e de alto poder aquisitivo, transformou-se em um verdadeiro mercado consumidor (EVANGELISTA, 2003).

A falta de habilidade em lidar com essas reformas, e as dificuldades de ordem constitucional, acarretou um profundo rompimento de relações ainda estreitas entre as polícias civil, militar, população e a secretaria de justiça (FILHO; FILHO, 2003).

Para Soares (2003), o Rio se faz presente no tráfico de drogas pela proximidade dos centros distribuidores e o mercado, trazendo para a metrópole uma comunhão explosiva com as armas. Segundo ele, o tráfico precisa encontrar áreas mais pobres, vulneráveis, para sediar seu estoque e recrutar jovens pobres para o trabalho no varejo. O investimento em armas para consolidar o domínio dos territórios e se proteger das ameaças e rivalidades de outros grupos, produzindo uma série de consequências a sociedade.

Soares (2003) concorda com os outros autores, afirmando que o tráfico alimenta o mundo de outros crimes, como o seqüestro, roubos de forma geral. Afirma ainda, que a desigualdade, as armas, a política inerte no processo, corrupção policial e despreparo são fatores que proliferam a criminalidade na cidade. Argumenta ainda que, o sistema prisional, as leis e a comercialização de drogas e armas, alimentados pelo consumo das

classes alta e média, profissionalizam as quadrilhas, formando inclusive jovens como soldados do crime.

### **2.2.3 Crime organizado**

A investigação do crime organizado é de difícil investigação, se tratando de uma economia informal, não deixa registros claros, tendo a carência de informações como parte de proteção as atividades criminosas. O combate ao crime organizado, precisa contar com o apoio das comunidades locais, de uma policiamento organizado, ostensivo, inteligente e dinamizador de melhores relações com a comunidade (EVANGELISTA, 2003).

O crescimento da atividade do jogo de bicho, mais tarde banida e conhecida por dar suporte as atividades criminosas, sobretudo ao tráfico de drogas e armas, teve seu crescimento vinculado às próprias características da cidade, sendo a capital nacional na época. Com lideranças voltadas às questões supra-regionais, não havia preocupação com a realidade local do Rio, a menos que esta realidade pudesse alavancar interesses de maiores significados (EVANGELISTA, 2003).

A evolução do tráfico de drogas no Rio, decorreu da combinação entre o tráfico internacional de drogas que o adotou como passagem e fornecimentos para outras partes do mundo. Os bicheiros perderam atuação, com o surgimento de grupos do tráfico, sobretudo o Terceiro Comando em oposição com o Comando Vermelho, grupos violentos de extermínio, venda, compra e drogas e armas. Outro ponto de perda de espaço dos bicheiros, foi a legislação em vigor (1990), que punia suas atividades (EVANGELISTA, 2003).

O narcotráfico no Rio de Janeiro, passa por uma posição estratégica. Seus morros, com uma visão privilegiada e o mercado consumidor em seu entorno, serviu de base de ações de guerrilha na defesa dos pontos de venda. Seu poderio militar, atrelado a precariedade das polícias as faltas na justiça criminal, serviram de suporte ao mercado altamente rentável, caracterizado pelo uso da força para defesa de seu território (EVANGELISTA, 2003).

A dependência e a disseminação do uso de drogas, pela facilidade de transporte locomoção, sendo usado inclusive o sistema de correios (sedex) para distribuição. Outra

facilidade, a questão de fronteiras aos países fornecedores vizinhos. Pela fragilidade entre fronteiras, Colômbia, Venezuela, Bolívia e Paraguai, na maioria das vezes sem nenhuma fiscalização por parte dos órgãos competentes brasileiros e polícias de fronteira (EVANGELISTA, 2003).

Evangelista (2003) concorda com outros autores com a manutenção do tráfico, reserva de capital, em ações de furtos e roubos principalmente, seguidos ou não de mortes. Destaca ainda, a posição geográfica privilegiada do Rio, como centro de partida para outros Estados e países em torno do mundo. Acrescenta, mostrando outros crimes coligados, como os crimes de *colarinho branco*, extorsão e lavagem de dinheiro.

De 1983 à 2002, quando dinamizou a rivalidade entre o Terceiro Comando e o Comando Vermelho, a cidade passara por um pesadelo por vinte anos. Jovens pobres vestindo capuzes e exibindo fuzis, balas perdidas e homicídios exibidos, favelas e morros em constante guerra pelo domínio de forças de ponto de venda de drogas, marcaram o período (FILHO; FILHO, 2003).

#### **2.2.4 Reflexos da Violência e o Turismo**

As conseqüências das atividades criminosas para a sociedade são várias, vão desde desvalorização imobiliária, caos no sistema de saúde pública, perda do direito de ir e vir a problemas de ordem psicológica e moral. Para muitos estudiosos, a desigualdade social foi o ponto culminante para a explosão do crime, reflexos entre os morros, favelas e a zona sul são evidentes. Conjunto de favelas mais distantes, como a Baixada Fluminense, servem de apoio e transfiguração para o restante da cidade (FILHO; FILHO, 2003).

Todos os autores pesquisados, afirmam que várias políticas e operações já foram feitas para inibir e tentar descontinuar o crime no Rio, como Viva Rio, Operação Rio e várias outras, mas, não tiveram sucesso por que o problema é de natureza sócio-política.

Ações de medo, insegurança, violência e criminalidade é visto à séculos até os dias atuais onde, o terrorismo, atividades suicidas se fazem presente. A violência se faz presente e precisa ser administrada da melhor forma possível.

A criminalidade é tema central de discussão nos países da América Latina e África. No Brasil, em especial no Rio de Janeiro, a pobreza, o desemprego, visto como, exército de mão de obra de reserva, tem sido um agravante nas relações sociais, trazendo um desbravamento no contingente de favelas. Pessoas ociosas buscam mecanismos de usar sua mente, muitas das vezes muito criativa, com a brutalização de suas ações, para o mundo do crime (BATISTA, 2003).

Jovens, no Rio de Janeiro, são aliciados aos treze, quatorze anos para o crime, sendo as favelas, por sua dificuldade de locomoção, o lugar perfeito, onde estes jovens, pela escola do crime, passam a ser soldados, olheiros. Passam a ter importância em sua comunidade, passam a se sentir importantes, seu ego é aflorado e cada vez mais, de acordo com suas habilidades adquiridas, são promovidos, passando a levar mais dinheiro para casa e, sua sensação de poder é aumentada.

A violência não está apenas nas favelas, tráfico de drogas, armas de fogo, mas inclusive, nos crimes sexuais, em especial a pedofilia. Este tipo de crime, é reconhecido facilmente em Cidades turísticas, criando uma espécie de turismo sexual onde, turistas buscam seus prazeres em encontros com mulheres, aliciadas por verdadeiros administradores e comandantes da violência sexual, sendo estas, muitas das vezes de menor idade. Este, se enquadra em crime, passível de punição legal aos envolvidos. (BAUMAN, 2000; WACQUANT; 2002).

Segundo Batista (2003), a exclusão social, a discriminação, como por exemplo, a não permissão a entrada de pessoas muito pobres em *shoppings centers*, gera um sentimento de revolta e apreensão, transferidas ao mundo da violência. Este tipo de fato foi registrado em um shopping da zona sul do Rio de Janeiro. A mídia, muitas das vezes de forma distorcida, relata os casos de violência, bastando abrir os jornais para ver os noticiários.

A Operação Rio, com o objetivo de inibir o tráfico de drogas, armas e traficantes, não conseguiu resultados muito expressivos. Poucas foram as apreensões, contudo, os traficantes fugiram das favelas e a população pode ficar mais tranqüila, apesar da reprovação por grande parte dos moradores. Vários traficantes foram presos em outros locais, sobretudo no litoral norte do Estado. Quando exército sai das favelas, e o comanda

volta ser por parte das polícias militar e civil, aos poucos, os líderes retornam e a situação volta a ser a mesma (PERALVA, 2000).

Em 1995, toque de recolher começava a acontecer, onde moradores das favelas, morros e bairros próximos não mais podiam entrar ou sair de suas casas certa hora da noite. A Operação Rio, convenção firmada entre o Governo Federal e o Estado do Rio de Janeiro, foi colocada em vigor, mobilizando o exército na luta contra o narcotráfico nas favelas (PERALVA, 2000).

Nenhuma nação é perfeitamente segura. Atentados terroristas como o de New York, em 11 de setembro de 2001 trazem uma discussão e revelam que a insegurança é global, o que muda é o tipo de violência inserida ao meio, seja ela por atentado terrorista, assassinatos ou pequenos furtos. O caso brasileiro, é caracterizado basicamente por questões de ordem social e organizacional, como da integração entre as polícias civil e militar, a corrupção e uma melhor infra-estrutura aos policiais, bem como sua reciclagem (BARRETO, 2005).

A Organização Mundial do Turismo - OMT (2003) tem orientado as esferas do poder público de cada país, as instruções, sugestões para se criar e manter destinos turísticos no qual o turista se sinta seguro e bem informado. Segundo a OMT, a segurança é um dos principais fatores responsáveis pela vinda de turistas e visitantes, sejam eles internacionais ou domésticos.

George (2003), citado por Barreto(2004) salienta que o turista pode estar no lugar errado e na hora errada, em situações que se tornam alvos de criminosos. Argumenta que, a capacitação das pessoas envolvidas ao turismo é importante, informações precisam ser dadas, dicas comportamentais, como por exemplo, a exposição de somas de dinheiro, pertences e a própria *figura* do turista estrangeiro, como a língua estrangeira fator de comprovação de turista internacional.

Vários autores relatam da importância do turismo para a economia do país e para a localidade, Rejowski (1998) vai além. Ela retrata as questões sociais, como pobreza, dinamizadoras da violência e marginalidade, concordando com Schwartzman (2004) e alertando que estes fatores são inibidores do turismo, fatores que alteram a demanda turística e a imagem da localidade (país).

Para Pearce (2003), o turismo hoje internacionalizou-se, pessoas do mundo inteiro visitam localidades, trazendo consigo divisas e uma cultura muito distinta. Lockwood e Medlik (2003), confirma e relata a importância do turismo internacional como fator dinamizador do turismo e sociedade. Mostra ainda, que países latinos, principalmente o Brasil, têm uma demanda crescente com muito a ser explorado. Boullón (2002) complementa dizendo que para o turismo cresça, fatores delimitantes de espaços urbanos, rurais, ecológicos, bem como, linha eficientes e bem estruturadas de transportes precisam ser bem planejadas e instrumentadas, para levar o turista aos seus destinos em completa segurança.

O turismo se constitui com uma atividade econômica de relativa expressão. Em um mundo sem fronteiras, onde a atividade passa a ser global, o turismo internacional se enquadra, trazendo contigo um contingente de pessoas que levam informações, sua vivência do país ao restante do mundo. A atividade se encontra em verdadeira expansão, onde inclusive o turismo de negócios se faz como referência. No Rio de Janeiro não é diferente, suas belezas naturais, pontos turísticos, seus produtos turísticos, trazem sua comercialização no mercado internacional (FALCÃO,1995).

### **2.3 A Demanda Turística**

A economia, como define Mankiw (2001, p.4), “é o estudo de forma pela qual a sociedade administra seus recursos escassos”. Em grande parte das sociedades, as famílias e as empresas que controlam, planejam a economia, servindo o governo apenas de regulador.

Os economistas estudam as decisões das pessoas em suas necessidade de compra, venda, acumulação de riquezas, renda, capital, investimentos, formação de preços e as tendências de mercados, fazendo projeções e estudos comparativos. O estudo da demanda e oferta é fundamental para se poder compreender os efeitos destas variáveis em um mercado dinâmico, onde compradores e vendedores buscam um melhor resultado (MANKIW,2001).

Para macroeconomia, que é o estudo das variáveis econômicas em seu sentido amplo, sendo estas variáveis, renda, emprego, inflação, gastos, despesas, preços, inflação, consumo, investimentos, desemprego, governo, importações, exportações que, afetam a

economia como um todo, relata-se a demanda, mais precisamente a demanda agregada, que são atribuições destas variáveis a economia da nação e mundial. Pode-se entender demanda agregada como o volume total de bens demandados na economia (HALL; TAYLOR, 1989).

Pelo lado da microeconomia, Pindyck e Rubinfeld (1999), afirmam que para o um melhor entendimento, precisa-se saber como funciona uma curva de demanda. Para ele, e para a maioria dos economistas, a curva de demanda mostra a relação entre preços e quantidades, esta relação é caracterizada quando se têm um aumento nos níveis de preços da economia, há uma redução das quantidades demandadas por aquele bem específico e, quando se reduz os níveis de preços, há como contrapartida um aumento das quantidades demandadas por aquele bem. Já para Varian (2000, p.104), “se a demanda de um bem aumenta quando a renda aumenta, a demanda desse bem tem de diminuir quando seu preço subir”.

De acordo com Stiglitz (1996), a demanda do consumidor é caracterizada pela procura por um determinado bem ou serviço na economia, sendo que, as variações estabelecidas no preço, influenciam a procura do consumidor por aquele bem.

Para Heyne (1999), há bens e serviços que, apesar de uma variação no preço, não afetam tanto a quantidade demandada. Para ele, a demanda é influenciada por diversas variáveis, entre elas: fatores econômicos, sociais, culturais, políticos, climáticos, de segurança, psicológicos, entre outros.

A lei da demanda diz que é, segundo Mankiw (2001, p.66), “a afirmação de que, tudo mais permanecendo constante, a quantidade demandada de um bem aumenta quando o preço de um bem diminui”. Para ele, a demanda é a força do mercado, é o principal determinante.

Varian (2003) argumenta que, os bens são conceituados em normais, quando sua demanda aumenta a medida sua renda também aumenta, bens inferiores, significando a queda da demanda quando a renda aumenta. Mostra que, dadas as curvas de restrição orçamentária e de indiferença, estas se tocam quando sua escolha for otimizada. Explicando, curva de restrição orçamentária é aquela que é fator limitante das pessoas de exercerem consumo em razão dos preços que necessitam pagar por pela diversificada cesta de bens e serviços e, curva de indiferença, as preferências dos consumidores às diversas combinações de bens e

serviços. Cita os bens de Giffen, mostrando a relação, uma vez que a demanda por aquele bem diminui quando o preço também diminui. Aos produtos substitutos, define como sendo os produtos que, dado em uma cesta, são substituídos por outros, produtos complementares, como aqueles que se completam, se complementam para um objetivo comum.

Mankiw (2001), concorda e complementa. Partindo do pressuposto de que a demanda é negativamente inclinada, pelo efeito dos acréscimos nos preços dos bens e serviços, causando um efeito contrário nas quantidades demandadas, ou seja, aumenta preço e cai a demanda pelo determinado bem e, sabendo que a demanda de mercado é a soma das demandas individuais, mostrando os determinantes da demanda individual. O preço do bem, já citado acima; a renda que, para um bem inferior, quando é aumentada, traz um decréscimo ao bem ofertado, já para um bem normal, a demanda pelo bem cai quando a renda também cai; os bens substitutos; os complementares; os gostos, ou seja, as preferências e, as expectativas em relação ao futuro.

Quanto às elasticidades da demanda, ambos economistas concordam que, o que determina a inclinação da curva de demanda é a relação da variação das quantidades demandadas com a variação dos níveis de preços. Sendo mais elásticas, a medida que a variação na quantidade demandada é mais que proporcional que a dos níveis de preços. Elasticidade unitária quando esta relação se anula, ou seja, as variações entre preços e quantidades são iguais a um e, demanda inelástica quando as variações nas quantidades são menores que as variações dos preços. Incrementa ainda, mostrando uma curva perfeitamente inelástica, sendo que não há variações nas quantidades demandadas às variações nos preços e, demanda perfeitamente elástica, quando o preço é dado e os consumidores consomem qualquer quantidade do bem.

A interferência de preços na demanda se dá na forma de quanto maior os níveis de preços, menor a quantidade demandada; para renda, caracteriza-se bem normal a relação de queda na renda causando queda nas quantidades demandadas, bem inferior, se a demanda por um bem aumenta quando a renda cai; preços de produtos relacionados são os bens substitutos, tendo que , um aumento de preços em um deles aumenta a demanda pelo outro, bens complementares, quando o aumento no preço em um dos bens leva a redução na demanda

pelo outro bem; gostos, ou seja, preferência individual por um determinado bem e, expectativas, que são previsão positiva ou não em relação ao futuro (MANKIWI, 2001).

Quanto se fala em comportamento do consumidor, para a economia, retrata-se de suas preferências, utilidades e restrições orçamentárias. Preferências são os bens ou produtos, dentro de uma cesta de mercado, como conjunto de mercadorias, que o consumidor opta, de acordo com sua utilidade e satisfação, sendo utilidades o que realmente necessita em termos práticos (PINDICK; RUBINFELD, 1999).

Para o turismo, demanda turística, são os meios pelos quais se busca turismo, ou seja, a procura por viagens, transportes, hotéis, restaurantes, parques, praias, montanhas, florestas, guias, entretenimento, lazer, cultura, arte, entre outros (BENI, 2003).

Cooper (2001) diferencia a demanda turística em três grupos, demanda real ou efetiva, como sendo o número total de participantes do turismo (turistas, viajantes) que, realmente estão viajando; demanda reprimida, como uma parcela da população que não viaja por alguma razão, subdividindo ainda em: demanda potencial, para as pessoas no momento não estão viajando por algum motivo, mas, viajarão em um futuro próximo, à demanda protelada, cujo problema está na oferta, ou seja, na falta de capacidade de hospedagem, condições meteorológicas, terrorismo, e outras; por fim, como o último grupo, sem demanda, para as pessoas que não viajam e não têm condições (COOPER, 2001).

Salienta ainda, que os indicadores de demanda turística são formados pela propensão líquida à viagem, referenciando à porcentagem da população que faz pelo menos uma viagem turística em um determinado período de tempo; propensão bruta de viagem, como o total de viagens turísticas em relação a população total. Os dois indicadores são importantes como ferramenta de cálculo, para se poder definir planos de ação e planejamento turístico em uma determinada região (COOPER, 2001).

Quando se fala em demanda turística, refere-se ao consumidor. Como consumidor, tem-se que estudar seu comportamento, seu processo de tomada de decisões. Para Cooper (2001, p. 63), “não há dois indivíduos iguais, as diferenças de atitude, percepções, imagens e motivação têm uma influência importante nas decisões sobre viagens”. Para ele ainda, as influências de percepções pessoais históricas, mentais, comportamentais e a influência de

seu meio, como, família, educação, mídia, crenças, religiões e estado psíquico, influem nas tomadas de decisões do indivíduo.

Cooper (2001, p. 63), relata a necessidade de se estudar o comportamento do consumidor, para conhecer as “necessidades, motivos, processo de decisão associados ao consumo do turismo; dos impactos dos diversos efeitos das táticas promocionais; percepção de risco em aquisições turísticas; dos diferentes segmentos de mercado baseados no comportamento de compra e as estratégias de marketing”. Coloca ainda, os elementos citados abaixo como chave no processo de tomada de decisão do consumidor:

1. Energizadores de demanda: É o fator motivacional que, induz os turistas em suas decisões de sair ou não de férias. De acordo com o modelo de Maslow, estas decisões se enquadram de acordo com uma hierarquia de necessidades, estas classificadas de níveis inferiores aos superiores, sendo, fisiológicas, segurança, pertencer e amor, estima e auto-realização.
2. Efetivadores de demanda: Processo de desenvolvimento de idéias, opiniões, a partir de mensagens, informações recebidas pelos canais de informação.
3. Os papéis e o processo de decisão: O tomador de decisão da família, escolhendo o destino, quando e onde a família consumirá o produto turístico.
4. Determinantes da demanda turística: Caracterizadas por renda, emprego, sexo, idade, estado civil, educação, mobilidade, fatores sociais, culturais, psicológicos, tempo, família e outros.

Estes fatores são delineadores da demanda, fatores que interferem no processo de tomada de decisão de compra de um produto turístico, sendo que cada membro familiar, participa do processo. Os influenciadores interferem fortemente nas decisões, tendo o decisor a responsabilidade de proporcionar uma eficácia, um melhor resultado possível.

Beni (2003), relata que a demanda turística é uma demanda por movimentos de turistas (emissor e receptor), sendo suas experiências, satisfação, determinantes na aquisição e consumo de bens e serviços turísticos.

Para a OMT(2001), a demanda turística é fortemente relacionada com o processo de tomada de decisão no processo de planejamento de suas atividades de lazer e turismo. Concorda com Cooper(2001) quando diz que os determinantes da demanda turística são os

preços, a renda, os condicionantes sócio-culturais, acrescentando ainda, política fiscal e controle de gastos em turismo, câmbio, financiamento, motivação, estilo de vida, tempo, fatores demográficos, fatores relativos a comercialização e à produção e fatores aleatórios.

Já para Lage e Milone (2000), os determinantes da demanda turística são: os preços dos produtos turísticos, preços de outros produtos, renda dos consumidores, gastos e preferências dos indivíduos e a propaganda. Estes interferem de forma ativa na decisão do consumidor ao consumo de produtos turísticos.

Valls (1996), já destacava a questão da competição no mercado turístico, estratégias de preços, produtos, serviços, imagem da marca, gestão hoteleira, planejamento, recursos turísticos e infra-estrutura, são os principais componentes de intervenção no mercado em franca expansão.

O mercado turístico tem desenvolvido muito, em termos de tecnologia, oportunidade de novos negócios, principalmente baseados no crescimento econômico, na segmentação de mercado e na diversificação de produtos turísticos (TRIBE, 2000).

Tribe (2000) argumenta que, o setor de serviço, passa por uma grande transformação em relação ao mercado, famílias e empresas, transformações no trabalho, com maior flexibilidade de horários já são percebidos. Para ele, essas transformações vão alterar a forma de se fazer turismo ao longo dos tempos e, aumentar a disposição dos turistas e não turistas a viajar.

Ainda em relação ao mercado turístico, Middleton (2000) mostra a importância de se reconhecer os gostos, preferências, estilos de vida, atitudes, tamanho e composição das famílias. Estas são importantes para se estabelecer uma maximização da demanda de mercado, apoiado pelos esforços do marketing turístico, pelo planejamento e segmentação de mercado de viagens.

O estudo da formulação de preços, pesquisa, planejamento estratégico, estudo do ambiente de negócios, canais de distribuição, promoção e as relações entre visitantes e visitados, possibilitam um melhor entendimento da tipologia dos turistas, possibilitando com o uso

de ferramentas estatísticas, estabelecendo melhores condições para as empresas e um melhor padrão do turismo local para a comunidade e turistas (MIDDLETON, 2000).

Cooper (2001) concorda com os outros autores, afirmando da importância em se fazer estatística em turismo, ou seja, de se ter maiores e melhores informações para um melhor planejamento e políticas governamentais de incentivos à atividade.

Os governos nacionais são em geral, extremamente incisivos no monitoramento e nas medidas para controlar o movimento de pessoas para fora e para dentro de seus países. Isso acontece por uma série de razões, muitas das quais não apresentam nenhuma ligação com o turismo, como segurança, saúde e controle de imigração. A medição do movimento turístico, entretanto, é considerada cada vez mais importante pelos efeitos das atividade turística no balanço de pagamentos (Cooper, 2001, p.110).

Turistas viajam e gastam dinheiro em seu país de origem ou, em outros nos quais vão passar uma temporada. Turistas residentes de um determinado país, vão para outros e gastam dinheiro, levam divisas, riquezas de seu país de origem para outros. Este movimento único traz efeitos negativos ao Balanço de Pagamentos do país de origem, mas há movimentos inversos, ou seja, de turistas de outros países nos visitam trazendo consigo gastos que, desta forma, equilibram as entradas e saídas de recursos / turistas entre os países, equilibrando as contas do turismo. Já o turismo doméstico, a medição é importante para se poder promover políticas de planejamento local, buscando um melhor desenvolvimento para região turística e, melhores condições para visitação dos turistas. Para ambos os casos, o planejamento e o controle são incisivos para se ter um bom resultado para o turismo. Para Beni (2003), a Conta Satélite do Turismo é uma importante ferramenta semelhantes as Contas Nacionais, para um melhor controle de entradas e saídas de recursos para o turismo e para nação. Argumenta ainda, sobre a importância de pesquisas em turismo para se poder desenvolver, planejar, contabilizar e, melhor explorá-la, à atividade turística.

Para se poder ter maiores números de dados, informações, faz-se necessário o uso de pesquisas. Estas são importantes para se poder ter um diagnóstico mais preciso para o turismo local e para formação / planejamento do turismo como um todo.

Muitos administradores e organizações da indústria do turismo dão grande valor à pesquisa, utilizando-a para se situarem em uma posição competitiva forte. A informação sólida do mercado é obtida através de métodos formais e informais, e

diminui a distância entre o fornecedor do produto ou serviço e o consumidor. As decisões como as que dizem respeito ao desenvolvimento de produto e as atividades de marketing podem ser baseadas em resultados de pesquisa. Além disso, a pesquisa pode ser utilizada para salientar problemas específicos, e mesmo para demonstrar uma atitude de cuidado com os clientes. Podemos ver que a informação e a pesquisa de mercado sobre o turismo é capaz de proporcionar informações para tomada de decisões; manter uma organização em contato com o mercado; identificar novos mercados; monitorar o desempenho de certos aspectos de uma empresa; chamar a atenção para problemas específicos; monitorar a reação dos consumidores a um serviço ou instalação; reduzir o desperdício e, demonstrar uma atitude atenciosa para com o cliente (Cooper, 2001, p. 121).

De acordo com a OMT (2003), pesquisas em turismo tem ajudado a identificar e a avaliar problemas importantes, ajudando na formulação de políticas de desenvolvimento à localidade ajudando nas estratégias de tomada de decisões, ajudando a divulgar localidade e na identificação novos mercados, trazendo benefícios à comunidade local e ao país.

### **3. REFERÊNCIAL ANALÍTICO**

#### **3.1 Região de Estudo**

A cidade do Rio de Janeiro tem uma população de 5.857.904 habitantes, conforme dados do último Censo populacional, tem um expressivo fluxo de turistas, sendo esses nacionais e internacionais. A cidade é composta por inúmeras atrações, entre elas: praias, complexo natural do Corcovado, Pão de Açúcar, matas, museus, casa de cultura, autódromo, restaurantes e hotéis internacionais, entre outros.

O Rio foi escolhido para objeto de estudo, por ser a maior receptora de turistas do país, tanto de turistas nacionais, quanto internacionais e por fazer parte de um dos principais destinos turísticos do mundo. Escolhida também, por sua importância e por sua imagem no turismo mundial.

Outro motivo da região de estudo, é pela imagem do Rio como produtora de violência, principalmente como divulgado na mídia nacional, seus morros, favelas e a baixada, são focos das guerras do tráfico de drogas, e rota internacional do tráfico mundial de drogas.

#### **3.2 Metodologia**

Os dados do estudo foi obtido por meio de pesquisa bibliográfica nos livros, artigos, documentos, internet e pesquisas aos diversos órgãos que ligados ao assunto da dissertação. Foi utilizado obras variadas, abordando questões de cunho social, jurídico, cultural, comportamental, psicológico, turístico, econômico, entre outros, que afetam o turismo e a vida das pessoas. A coleta de dados e pesquisas de campo, se deram entre os meses de outubro de 2005 e janeiro de 2006.

O trabalho busca explicar a relação entre os números do turismo, turistas e visitantes na cidade do Rio de Janeiro com os dados de violência e criminalidade, mostrando se há ou não uma relação entre as partes. Se o aumento da violência e criminalidade gera decréscimos na demanda turística ou, o aumento do turismo no Rio de Janeiro é gerador de mais violência e criminalidade.

O trabalho seguiu-se em três direções: A primeira, foi a preocupação em buscar na literatura, a referencia de autores consagrados por seu domínio na área das ciências sociais, mais precisamente da violência, suas causas; tipos de violência, medo, insegurança e a vida das pessoas. A segunda, mais específica, a retratação da violência na cidade do Rio de Janeiro, suas especificidades e o turismo como elemento fundamental com função de geração de divisas e proteção do patrimônio natural e cultural da cidade. A terceira, a demanda como forma de estudo, sendo primeiramente a demanda pelo lado da economia, seguido da demanda turística nas inferências do assunto tratado.

O trabalho de campo, realizado sempre de forma presencial, exigiu diversas viagens a cidade do Rio de Janeiro entre os meses já citados. A primeira viagem, em outubro, obteve-se a base de dados primária, que foram depurados para que fossem mais fidedignos, e ao mesmo tempo mais fáceis de serem analisados.

Os dados coletados abrangeram os diversos tipos de atividades criminais, como: crime contra pessoa, crime contra patrimônio, contra os costumes e outras ocorrências. Cada uma dessas modalidades são subdivididas entre outras, não citadas não serem tipos específicos de modalidades criminosas relevantes. Foram em seguida, separados de acordo com a região a ser estudada, após, formados os números-índices<sup>2</sup> para cada 100 mil habitantes, tendo o último censo, como base de dados populacionais. Ressalta-se a população do Rio como sendo de 5.857.904 habitantes, segundo o censo de 2000. Segundo a fórmula 1 o índice é expressa por:

$$\text{Índice} = \text{crimes} / (\text{População} / 100.000) \quad (1)$$

Onde,

Índice = relação da totalidade dos crimes obtidos por uma relação de 100 mil habitantes;

Crimes = totalidade de todas as ações criminais cometidas;

População = Soma da população da cidade do Rio de Janeiro.

---

<sup>2</sup> Índices de Violência, calculados com base de 100 habitantes.

Para um melhor aproveitamento dos dados, foram utilizadas tabelas e gráficos, bem como o uso do software estatístico Logware<sup>3</sup>, próprio para a apuração dos dados no período e sua projeção para o ano futuro.

No Logware, mais precisamente em Forecast<sup>4</sup>, foram utilizados 48 períodos, referentes aos meses de janeiro a dezembro, dos anos compreendidos entre 2002 a 2005. Mais 12 meses de projeção matemática para 2006, totalizando 60 meses de análise. O modelo mostra a evolução da série temporal e faz projeções buscando um melhor ajustamento entre os dados ao longo do tempo. Para um comportamento mais real da projeção, incrementado como significância, valores e níveis constantes, de tendência, sazonalidade e erro padrão. No item 3.3, explica-se detalhadamente sua de importância, bem como suas funções e fórmulas matemáticas e estatísticas.

A coleta de dados de violência e criminalidade, bem como a entrevista, foi feita na Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, mais precisamente no Instituto de Segurança Pública do Estado (ISP/RJ), situada na região central da capital, sob orientação da Sra. Adeline Carvalhares Rosette, assessora especial.

Foi escolhido como representante da Polícia Militar, o Batalhão de Polícia de Proteção ao Turista (BPTUR), por ser único representante da polícia militar do Rio, especializado na prevenção e repressão do crime contra o turista. O batalhão é situado na zona sul da capital, mais precisamente em Copacabana. A entrevista foi auferida pelo Major e então Sub. Comandante Alexandre da Silva Pimenta, o qual concedeu uma viatura da PM para conhecer os pontos críticos da cidade. Durante entrevista, o Major Pimenta, assim conhecido, prestou todos os esclarecimentos, faltando apenas dados específicos da criminalidade contra o turista, por não estar disponível.

Para a Polícia Civil, a Delegacia Especial de Atendimento ao Turista (DEAT), foi a melhor opção, por se tratar, igualmente a polícia militar (batalhão), da única delegacia especializada de proteção ao turista, situada na zona sul, no bairro do Leblon. A autoridade máxima da delegacia é da Dra. Leila Goulart de Souza, delegada de polícia, com a qual, foi feita a entrevista. Foram diversas as tentativas de marcar horário e encontrar com a

---

<sup>3</sup> Software logístico de projeções estatísticas (1999 – R. H. Ballou versão 4.0).

<sup>4</sup> Modelos matemáticos e estatísticos.

delegada, impossibilitando outras visitas de pesquisa. Na Décima Quinta Delegacia de polícia (Delegacia Distrital/Leblon), às diversas tentativas, em diferentes semanas, não foi possível falar com os delegados de plantão, pelo grande volume de ocorrências, justificado por eles.

Na mais recente Secretaria do Estado do Turismo (SET), anteriormente conhecida por (SETUR), foram diversas as tentativas de entrevista, sendo após vários dias, com inúmeras barreiras, concedida a entrevista pelo Secretário de Turismo, Sr. Antônio Carlos de Castro Neves. O secretário, deu as informações, não informando, por falta de conhecimento, das ações da Secretaria de Segurança Pública no que diz respeito a violência na capital.

A Associação Brasileira de Agências de Viagens do Rio de Janeiro (ABAV), foi passado um roteiro da entrevista, respondido dias após, sem exatamente o nome do responsável pelas respostas.

As entrevistas aos delinquentes, digo pessoas que furtam turistas, foi ocasional, de caráter informal, sem uso gravador ou qualquer outro meio que possibilite retratar com exatidão suas palavras. A entrevista foi concedida na região de Copacabana, no mês de outubro de 2005, por um grupo de oito pessoas, sendo apenas três de maior idade.

Como limitação do trabalho, foi entregue o roteiro da entrevista, retratando de questões turísticas e de violência no Rio, a Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro (RIOTUR), conforme solicitado pela mesma, não tendo respostas, justificando não poder dar entrevistas, por falta de tempo. Outra limitação, foi percebido pelas polícias, por não terem uma fonte de dados para consulta.

### **3.3 Forecast**

Para o tratamento de dados estatísticos coletados utilizou-se o Forecast, que é um método de análise matemática. Neste caso específico, emprega uma das técnicas mais usadas e representativas para uma análise de previsão, exponencial.

De acordo com Ballou (2001), o modelo de ponderação exponencial, trabalha com um modelo geométrico de pesos para se poder fazer uma previsão de acordo com a série histórica. Esse modelo é representado da seguinte forma:

$$F_{t+1} = \alpha A_t + (1 - \alpha)F_t \quad (2)$$

Onde,

$t$  = período de tempo atual;

$\alpha$  = constante de ponderação exponencial;

$A_t$  = demanda no período  $t$ ;

$F_t$  = previsão para o período  $t$ ;

$F_{t+1}$  = previsão para o período seguinte de  $t$ , ou o período seguinte.

Para uma melhor escolha da constante de ponderação exponencial, requer um certo julgamento. Esse se processa da seguinte forma: quanto mais elevado for o valor de  $\alpha$ , maior é o peso colocado nos níveis mais recentes da demanda, permitindo, que o modelo responda mais rápido as mudanças na série temporal. Entretanto, um valor muito alto para  $\alpha$ , pode-se fazer uma previsão mais sensível, dando uma maior ênfase nas variações aleatórias na série do tempo em vez das mudanças fundamentais. Quanto menor o valor de  $\alpha$ , maior o peso dado na demanda histórica em prever a demanda futura. Valores baixos para  $\alpha$ , fornecem previsões muito estáveis, dando menor importância aos fatos aleatórios ao longo do tempo.

Valores para  $\alpha$  variando de 0,01 a 0,3, são usados normalmente quando se tem poucos dados históricos para análise, sendo o caso do estudo, de violência e criminalidade por quatro anos. Um resultado aceitável, pelo qual considere a série histórica, estudando as sazonalidades, em menor número possível, acompanha as mudanças de tal forma que, minimize percentuais de erros.

O modelo parte de um pressuposto de certa estabilidade na demanda sazonal e discernível das variações aleatórias, para se poder ter uma previsão futura aceitável, prevendo um índice de demanda real aceitável para a tendência, e então dessazonalizá-lo para produzir a previsão. As equações para esse modelo são:

$$S_{t+1} = \alpha(A_t / I_{t-L} + (1 - \alpha)(S_t + T_t)) \quad (3)$$

$$T_{t+1} = \beta(S_{t+1} - S_t) + (1 - \beta) T_t \quad (4)$$

$$I_t = \gamma(A_t / S_t) + (1 - \gamma) I_{t-L} \quad (5)$$

$$F_{t+1} = (S_{t+1} + T_{t+1})I_{t-L+1} \quad (6)$$

onde,

$F_{t+1}$  = previsão de tendência e sazonalidade corrigida para o período  $t + 1$ ;

$T_t$  = tendência para o período  $t$ ;

$\beta$  = constante ponderada da tendência;

$I_t$  = índice sazonal para o período  $t$ ;

$\gamma$  = constante de ponderação sobre o índice sazonal;

$L$  = o período de tempo para uma estação completa.

Para a resolução deste modelo, devido a grande quantidade de cálculos, é impraticável o cálculo manual de previsões, usa-se o software de cálculos de previsões Logware, que emprega as fórmulas acima descritas, como meio de simulações de dados.

Quanto aos erros de previsão, que são previstos, refere-se a tão próximo a previsão chega ao nível real de demanda. Na medida em que se trabalha com números ao longo do tempo, utiliza-se a previsão exponencial como uma forma de previsão da demanda média, projetando uma faixa dentro do qual a demanda real cairá.

O erro de previsão, é a diferença entre a demanda real e a demanda prevista, tendo métodos convencionais estatísticos, como o desvio padrão, variância ou desvio médio absoluto como meio de mostrar a distribuição e os níveis de erros na curva, bem como, o teste qui-quadrado para teste de ajustamento.

Uma das vantagens de se usar a ponderação exponencial, nas previsão de períodos não muito longos, conforme visto no modelo, está na habilidade de adaptar-se padrões de mudança na série de tempo. No modelo, por não se deter em valores extremamente

estáveis, ou constantes, o erro de previsão é assim minimizado, possibilitando valores mais próximos possíveis da realidade.

## **4. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

### **4.1 Entrevistas**

#### **4.1.2 Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro**

De acordo com a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SSP/RJ), a responsabilidade da segurança da cidade do Rio não é apenas da secretaria ou das polícias civil e militar, e sim da União (governo), comunidades e polícias. A repressão e investigação ficam por conta das polícias militar e civil, respectivamente, que têm desempenhado muito bem seu papel nos últimos anos.

Segundo a SSP/RJ, com a presença do Secretário de Segurança, Marcelo Itagiba, o Rio passou por profundas transformações na segurança, novas tecnologias, como a presença de câmeras de vigilância. Conta com maior número de Policiais Federais, inibindo o tráfico internacional de drogas, maior número de policiais militares, fazendo rondas diariamente, 24 horas por dia, um melhor aparelhamento, e melhores condições para investigação dados aos policias civis. Uma melhor integração com as comunidades, tem possibilitado uma melhor condição de vida aos cidadãos cariocas e aos turistas que vem a cidade.

Quanto ao turismo, a SSP/RJ relata que por ser uma cidade turística, as práticas criminosas de pequenos furtos são as mais comuns mas, estatisticamente, os resultados aparecerão a medida que as novas práticas de prevenção, como as citadas acima, forem totalmente colocadas em prática. A partir de fins de 2006, as estatísticas serão melhores, onde práticas preventivas serão mais eficientes ainda.

Para a SSP/RJ, não há uma relação direta entre turismo e criminalidade, porém as cidades turísticas ficam mais expostas a mídia por serem mais vendidas. A mídia tem seu papel fundamental na sociedade, desde que não seja sensacionalista. As polícias em conjunto com a iniciativa privada e associações, têm ajudado muito na prevenção, informando aos turistas seus deveres para prevenir situações desagradáveis, mostrando atitudes que devem ser tomadas para que não aconteça pequenos furtos e atos criminosos.

#### **4.1.3 Polícia Militar / RJ – BPTUR Batalhão de Policia de Apoio ao Turista**

Segundo Alexandre Pimenta, major e sub-comandante do Batalhão de Proteção ao Turista da Polícia Militar da zona sul do Rio de Janeiro (Copacabana), a polícia tem empenhado muito na prevenção da violência e criminalidade na capital e em todo o estado do rio de janeiro. Em seu batalhão, BPTUR Copacabana, responsável por toda zona sul, ligada ao turismo, tem papel fundamental nas estratégias de prevenção e repressão da criminalidade.

Sob o caráter de prevenção, O BPTUR tem importante papel na orientação auferida às empresas, órgãos ligados ao turismo e aos turistas de uma forma geral, mostrando o comportamento mais seguro que turistas, de uma forma geral, devem ter em uma cidade turística, como por exemplo: (1) Nunca andar sozinho e distraído; (2) Pré-difinir uma rota, pelo qual irá passar e retornar ao hotel; (3) Procurar situar-se dentro da cidade, local visitado; (4) Estar sempre atento; (5) Não andar com volume substancial de dinheiro e pertences a mostra; (6) Procura sempre local e informação segura; (7) Nunca deixe pertences expostos; (8) Sempre que precisar, use a polícia militar.

Para repressão, a polícia se encontra devidamente preparada para dar apoio as necessidades dos turistas, com 18 viaturas, quadriciclos, bicicletas, policiais a pé, um efetivo de 36 policiais caracterizados e a paisana na orla mirítima, e 180 na zona sul como um todo, ambos, 24 horas por dia (BPTUR).

Na prevenção e repressão, 14 câmeras instaladas em pontos estratégicos, para dar maior apoio ao seu efetivo policial. Ele alega que, parcerias com órgãos ligados ao turismo e, principalmente os hotéis, tem dado resultado, por fator de orientação aos turistas e na aquisição das câmeras de vigilância. Cruzamentos de informações com outros batalhões, com outras polícias (civil e federal) e o uso de equipamentos, como radio, *GPS*, telefones nextel, ajudam no combate (BPTUR).

Retrata, que a maioria dos turistas não registram queixa dos furtos, eles alegam que não vão perder horas de seu tempo, mais desgastes psicológicos para registrar a ação criminosa. Ainda com os turistas, afirma que a maioria das ocorrências se dão por pequenos furtos, dinheiro e pertences, como câmeras fotográficas, por elementos desarmados, sem agressão física, apenas por intimidação ou, na maioria das vezes só percebem que foram furtados minutos ou horas depois. Quando há roubos, os elementos portam no máximo uma faca e quando percebem a presença da polícia enterram na areia e

fogem por ruas na contra-mão de direção das viaturas, subindo para os morros próximos, principalmente Morro do Pavão e Pavãozinho e Morro do Canta Galo, desaparecendo. Acrescenta dizendo que o turista internacional é o mais visado por sua extravagância e distração. Afirma dizendo que em pontos turísticos como Urca, Cristo Redentor e Pão de Açúcar, a incidência de ocorrências criminosas é mínima, por que o elemento criminoso não tem como fugir, ao contrário da zona sul que tem favelas em seu entorno (BPTUR).

O sub-comandante, afirma que o Rio de Janeiro é uma cidade segura, tem se aproximado da população, principalmente a mais carente, sob forma de trazer a comunidade para os quartéis e delegacias e, a inserção do policiamento dentro das favelas, como parceiros e não apenas repressores. Retrata que a mídia como é muito focada na cidade, por ser “cidade maravilhosa” conforme dizeres dos próprios turistas, influencia tratando o Rio como personagem principal do turismo brasileiro. Reafirma que a polícia tem feito sua parte, e que os maiores esforços tem que ser por parte dos governos e da sociedade em geral na cobrança de melhor condição de vida para todos, pois, a polícia não é responsável por problemas sociais que influenciam de uma forma indireta nos acréscimos de violência urbana.

#### **4.1.4 Polícia Civil / RJ – DEAT Delegacia Especializada de Atendimento ao Turista**

Segundo a delegada de polícia da Delegacia Especial de Atendimento ao Turista - DEAT, Leila Goulard de Souza, falando de sua delegacia, diz que a polícia civil está preparada para o combate a violência contra o turista, através de seu efetivo policial, conta com 40 policiais, bem treinados, sendo, técnicos e graduados em diversas áreas, com a fluência em no mínimo dois idiomas, inglês e espanhol. A implantação do sistema de Delegacia Legal, que é uma delegacia com mais recursos financeiros, melhor tecnologia de informação, menos burocracia, influi no verdadeiro papel da polícia civil, que é a melhor prestação de serviços a comunidade em investigação criminal. Em uma delegacia distrital, os recursos são menores e cerca de 40% do aparato policial fica por conta de carceragem de presos ali presas.

Para a DEAT, com relação ao tipo de furto e roubo, afirma dizendo que a maioria elementos criminosos são de menor idade (abaixo de 18 anos), conduzidos pelos de maior

idade para as práticas criminosas. Já as práticas criminosas maiores, como assalto a estabelecimentos luxuosos, são por parte das quadrilhas organizadas.

Orientada para as práticas de segurança por parte dos turistas os órgãos de turismo e hotéis atuam na prevenção de crimes, como por exemplo, câmeras de vigilância como ferramenta de ajuda ao combate criminalidade. Acrescenta dizendo que pelo fato de ter recurso de zoom, elas possibilitam até mesmo ver pequenas atitudes de meliantes e turistas, podendo até mesmo alerta-los antes mesmo de ocorrências criminais, como pequenos furtos (DEAT).

Afirma que o Rio de Janeiro é uma cidade segura e que a mídia tem provocado um efeito negativo principalmente para o turismo internacional. Poderá que há uma tendência de aumento da criminalidade mas, apenas proporcional as dificuldades sociais vividas pela população mais carente e aos aumentos populacionais proporcionais de residentes e turistas, como é normal em qualquer outras parte do mundo (DEAT).

#### **4.1.5 Secretaria de Turismo (SET / SETUR- RJ) – TURISRIO**

Em entrevista com o Sr. Antônio Carlos de Castro Neves, o Sub. Secretário da Secretaria de Estado de Turismo do Rio de Janeiro, ele afirma dizendo que o papel da secretaria tem como função do fomento da atividade turística no Estado e na cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de promoção de destinos turísticos, divulgando em todo o Brasil e no mundo. A secretaria promove melhorias no turismo no Estado, sendo o foco da maior atenção a capital, por seu fluxo turístico. Divulgar as belezas do Rio, sua natureza e beleza natural, sol e mar, seus espaços culturais, eventos temporais, como o reveillon, carnaval, festivais, feiras e outros. Tem como apoio a TurisRio, empresa de promoção do segmento turístico do Rio, como forma de um melhor diálogo entre o governo e a iniciativa privada. Ele informa que a TurisRio, nasceu antes da Secretaria e por motivo de sua importância, foi vinculada a esta.

De acordo com a SETUR, a cidade do Rio de Janeiro é o principal destino turístico do país, recebe cerca de 40% de todo o fluxo de turistas estrangeiros, foi considerado a sexta cidade turística do mundo, em relação ao turismo receptivo internacional. Seu fluxo turístico é menor que em alguns países da Europa, sobretudo por questões culturais e de renda. O

turismo no Rio tem crescido a uma taxa de 15 à 17% ao ano, acima dos 10% a.a. da média mundial, mostrando o enorme potencial turístico da cidade, não só internacional, como nacional.

O Rio recebe turistas de todo Brasil, principalmente de Minas e São Paulo. A cidade é privilegiada com este grande volume de turistas, afirmando como geradora de empregos e renda. Está preparada para atender os turistas da melhor forma possível, dispõe dos melhores restaurantes, bares, hotéis, com uma infra-estrutura de nível internacional. Seu destaque, além da natureza, está na alegria, comunicatividade e honestidade do carioca (SETUR/RJ).

Quanto à violência e criminalidade, o Rio não é diferente. O tráfico de drogas se faz presente, como uma “chaga” social, trazendo malefícios para toda a população. O tráfico gera uma receita anual de milhões de reais, como sendo um país subdesenvolvido, com sérios problemas sociais, pobreza e miséria, gera receita para muitas famílias (SETUR/RJ).

A popularização da droga, posse, comercialização e consumo é notado em cidades do mundo inteiro, porém, os índices de violência do Rio são considerados baixos em comparação com outras grandes cidades do mundo e não afetam o turista, pois, fica mais focado nos morros e na baixada. Na zona sul, é diferente, por ser uma área turística, recebendo mais de 80% dos turistas vindos a cidade, conta com diversas unidades de informação ao turista e um policiamento de primeiro mundo, policiais competentes e treinados para lidar com situações adversas (SETUR/RJ).

Se a criminalidade fosse menor, a demanda turística aumentaria mas, em uma proporção não muito significativa, porque o turista não deixa de visitar o Rio, sabe que como qualquer outra cidade, está sujeito a pequenos furtos. Como exemplo, a demanda turística têm historicamente aumentado, a festa de carnaval, é tido como a festa popular mais bonita do mundo, e o reveillon, citando 2005, foi, como sempre uma festa de destaque no Brasil e mundo. O Rio recebeu mais de 2 milhões de pessoas na orla de Copacabana e não houve sequer uma ocorrência / registro criminal. O Rio ganhou recentemente o prêmio de um organismo internacional, não citado pelo sub-secretário, como a cidade mais acolhedora do mundo (SETUR/RJ).

Quanto à mídia, a cidade do Rio de Janeiro é destaque, porque recebe turistas do mundo inteiro e o maior volume de turistas à lazer do Brasil. No turismo, de uma forma geral, perde apenas para São Paulo. A mídia nacional, coloca a tona qualquer tipo de notícia, de acontecimento no Rio, diferentemente de outras cidades. Ela é valiosa e importante para a população mas, desde que feita de forma responsável. Influencia o fluxo de turistas domésticos, por ser muito vinculada em outros Estados. Para o sub-secretário, para o turista estrangeiro, não influencia, como a mídia internacional tem acesso através sobretudo da mídia local, faz-se apenas pequenos noticiários-resumo, não se denotando um maior tempo. As agências de turismo sim, porque estão de frente ao cliente então, passam a informação obtida muitas vezes de forma sensacionalista, aos seus clientes, afetando ocasionalmente a demanda. Não vejo nenhuma relação forte entre violência e demanda turística (SETUR/RJ).

A mídia internacional vincula mais fenômenos naturais, como terremotos, tsunames e outros, como guerras, tem percebido uma alteração de troca de destinos turísticos, ou seja, turistas que iriam para outros países, estão vindo para o Brasil, dito para o Rio de Janeiro (SETUR/RJ).

#### **4.1.6 Associação Brasileira de Agentes de Viagens / RJ - ABAV**

Para a Associação Brasileira de Agentes de Viagens do Rio de Janeiro (ABAV/RJ), o turista viaja sem preocupação, ele quer usufruir de seu momento de lazer e entretenimento, curtir a vida não se preocupando com nada. Ele quer fugir de medo, angústias e sofrimentos da vida cotidiana, deixando de lado todas as suas frustrações, medos e restrições.

Segundo a ABAV, que exerce papel preponderante na organização das agências de turismo do país, e atua como elemento intermediário entre o turista (demandante por viagens) e o seu destino (cidades turísticas), a violência contra o turista é algo que não poderia acontecer, principalmente por que é ele que sustenta milhões de pessoas, trazendo receita ao diversos estabelecimentos que vivem do turismo ou que são diretamente influenciados, fora a economia informata que também é muito beneficiada. A ABAV tem uma posição de não há relação direta entre turismo e criminalidade, e sim um conjunto de fatores, um dos

quais a questão social. Salienta que, juntamente com a mídia, prejudica o turismo local, trazendo uma imagem negativa para o Rio de Janeiro.

Com relação aos turistas, eles ficam chocados, quando são submetidos à pequenos furtos, que são as práticas mais comuns de crime contra o turistas. Grande parte deles, dizem que não retornam de imediato ao Rio mas, posteriormente, alguns anos depois, retornam com uma maior cautela. A outras partes, dizem que é comum em toda parte do mundo, principalmente se tratando de um país subdesenvolvido (ABAV).

#### **4.1.7 Delinquentes**

De acordo com alguns meliantes, em conversa informal, eles afirmam em consenso que, a maioria de seus conhecidos que furtam turistas, são menores, moram com a família nos morros, entraram no mundo do crime por volta dos 10 a 11 anos de idade, através de pequenos furtos, em estabelecimentos comerciais, transeuntes e turistas e hoje, quase aos 18 anos, querem ir para o mundo do tráfico para ganhar dinheiro e trazer melhores condições para si e sua família. Acrescentam dizendo que só furtam turistas, porque é muito fácil, “eles quase nos obrigam a levar seus pertences, sua bolsa, dinheiro, porque levam tudo para a praia...” (menor de 16 anos), é dinheiro rápido.

Segundo eles, o turista estrangeiro é mais fácil furtar, mas eles apenas levam os pertences, não os agredem, apenas se não tiver outro jeito, com faca ou canivete, ou qualquer outra coisa que corte. Andam em turma, na ação, enquanto o turista fica ocupado com um, o outro toma os pertences e ambos saem andando ou correndo, na maioria das vezes andando para não chamar atenção, e os turistas ficam aborrecidos ou desesperados.

Os delinquentes falam ainda que, o pessoal do tráfico não gosta que eles roubem e corram para os morros, por que levam polícia. Apesar de não terem medo de nada, grande parte usa entorpecentes, como cola, solventes ou craque, por ser mais barato. Afirmam dizendo que, se ficam em gangues, são mandados pelos maiores e tem que dar dinheiro para eles. Para o futuro, não pensam em nada, apenas querem levar dinheiro para casa.

## **4.2 Análise dos Dados**

De acordo com os dados apresentados abaixo na TABELA 01, caracterizados pelos diversos tipos de criminalidade: contra a pessoa; contra o patrimônio; contra os costumes e outras ocorrências na cidade do Rio de Janeiro, apurados por um índice de 100 mil habitantes, verificou-se a seguinte relação.

No ano de 2001, apresentou-se um número de 83.718 ocorrências criminais, com uma participação de 1.429 ocorrências por 100 mil habitantes. Em 2002, estes números cresceram muito, passando 83.718 ocorrências para 124.775, ou seja, do índice para 100 mil habitantes, de 1.429 para 2.130. Houve nesse período uma variação percentual de 49,06%, em relação a 2001. Para 2003, houve uma pequena queda, passando para 119.309 ocorrências (2.037 / 100 mil hab.), com uma variação percentual negativa de (4,37%) em relação a 2002. Já em 2004, houve um pequeno crescimento, comparados a 2003, de 6,92%, tendo um total de 127.602 ocorrências criminais, com uma participação de 2.178 ocorrências por 100 mil habitantes. Analisando 2005, pode-se falar que o crescimento da violência e criminalidade foi muito expressivo, crescendo 53,63% em relação a 2004, ultrapassando 3 mil ocorrências por 100 mil hab. E quase chegando há 200 mil atos registrados de violência.

Os números de 2005 aumentaram muito, conforme informado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, pelo combate a criminalidade, principalmente nos morros e favelas e pelo aumento de incidência de pequenos furtos em suas imediações, principalmente na zona sul carioca.

TABELA 1

Violência no Rio de Janeiro no período compreendido entre 2002 e 2005

<b>ANO</b>	<b>TOTAL</b>	<b>100 MIL HAB.</b>	<b>Varição Percentual (%)</b>
<b>2001</b>	83718	1.429	0
<b>2002</b>	124.775	2.130	49,06
<b>2003</b>	119.309	2.037	-4,37
<b>2004</b>	127.602	2.178	6,92
<b>2005</b>	196.009	3.346	53,63

Fonte: SSP-RJ / ISP – Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (Adaptado pelo autor).

Analisando a demanda internacional, de 2002 à 2005, verificou-se períodos de variação positiva, ou seja, a demanda turística em crescimento, principalmente de 2003 a 2004,

onde alcançou um crescimento mais significativo, 16%. Já os demais anos, o crescimento foi pequeno.

TABELA 2

Demanda Turística do Rio de Janeiro no período compreendido entre 2002 e 2005 (em milhares)

<b>ANO</b>	<b>DEMANDA TURÍSTICA</b>	<b>Variação Percentual (%)</b>
<b>2002</b>	1459	-
<b>2003</b>	1.525	4,52
<b>2004</b>	1.769	16,00
<b>2005</b>	1.790	1,19

Fonte: Ministério do Turismo, Embratur

Para o desemprego (Tabela 3), a cidade do Rio de Janeiro apresenta em 2002, um percentual de 6,19% da população economicamente ativa (PEA), índice baixo em relação ao restante do país. Em 2003, esse percentual teve forte alta, passando para 9,19% (PEA), uma variação percentual de 48,47% em relação a 2002, tendo como influência a política econômica neste ano. Já em 2004, houve uma pequena queda, passando para 9,03%, com uma variação percentual negativa de (1,74%) em comparação a 2003, seguido de uma queda mais acentuada em 2005 (7,79% PEA), comparado a 2004.

A forte queda dos índices de desemprego em 2005, se dá pelo avanço na indústria, principalmente a petrolífera (Petrobras) que, em fins de 2005 à janeiro de 2006, tem-se seu avanço ao longo de 2005, em pesquisa, exploração e descobertas de novas bacias petrolíferas, como por exemplo na Bacia de Campos e Sepetiba, intensificou sua produção, criando novas frentes de trabalho, gerando milhares de empregos diretos e indiretos, participando positivamente na queda do desemprego na capital.

Para a renda per capita, (ver TABELA 3), em 2002, apresenta um valor de R\$ 752,90. Em 2003, houve uma alta de 13,42%, passando para R\$853,96, representando uma melhoria no nível de vida das famílias de trabalhadores cariocas. Para 2004, houve uma pequena queda, de 0,84%, representando uma perda do poder aquisitivo. Já em 2005, os níveis de renda, passam para R\$911,87, caracterizando um aumento de 7,68% em relação a 2004.

TABELA 3

Desemprego e renda no período compreendido entre 2002 e 2005

<b>ANO</b>	<b>DESEMPREGO (%)</b>	<b>Var. (%)</b>	<b>RENDA (R\$)</b>	<b>Var. (%)</b>
<b>2002</b>	6,19	-	752,90	0
<b>2003</b>	9,19	48,47	853,96	13,42
<b>2004</b>	9,03	-1,74	846,80	-0,84
<b>2005</b>	7,79	-13,73	911,87	7,68

Fonte: IGBE (2006)

A tabela 4 mostra a relação á taxa de ocupação dos hotéis, pousadas, flats e resorts, representada por unidade habitacionais (UH'S) para turistas domésticos. A partir de 2002, houve períodos de queda, sendo a mais expressiva em 2004 ( 9,88% em relação a 2003). Já em 2005, houve um pequeno aumento de 2,02%. Comparando 2002 em relação a 2005, percebeu-se uma queda acentuada de 21,11%, observada com um aumento expressivo do índice de criminalidade no mesmo período na TABELA 1.

Ao contrário do turismo nacional, o internacional apresentou até 2004 uma alta sistemática, variando em 10,18% de 2002 para 2003 e, 14,52% de 2003 para 2004, somando um percentual de 24,70% no período. Para 2005, houve uma queda de (2,33%) comparado a 2004. Analisando a Tabela 1, verifica-se que não há uma relação direta entre o aumento da violência e criminalidade com a demanda turística.

TABELA 04

Taxa de ocupação dos hotéis no período compreendido entre 2002 2005

<b>ANO</b>	<b>NACIONAL</b>	<b>Var. (%)</b>	<b>INTERNACIONAL</b>	<b>Var.(%)</b>
<b>2002</b>	63,24	-	36,76	0
<b>2003</b>	59,50	-5,91	40,50	10,18
<b>2004</b>	53,62	-9,88	46,38	14,52
<b>2005</b>	54,70	2,02	45,30	-2,33

Fonte:Embratur, 2006.

De acordo com o Gráfico 1, que mostra os índices de violência e criminalidade do Rio de Janeiro – capital, dos meses de janeiro a dezembro, dos anos entre 2002 e 2005, observa-se que, de modo geral, o comportamento parece ser cíclico, ou seja, na maioria de anos, o mês de fevereiro tem um pequeno pico, para cima ou para baixo, os meses de março a maio são mais estáveis, com menores oscilações, de maio a julho há uma queda substancial, voltando a um crescimento até adquirir a estabilidade dos meses anteriores. Os meses de

setembro e outubro são crescentes, de outubro em diante se tornam mais estáveis, com exceção do ano de 2002 que, mostra uma queda desde outubro.

Em 2002, o ano passa por períodos claros de aumento e queda na criminalidade, sendo até maio seguido por altas e quedas dos índices de violência, maio a julho por uma forte queda, julho a outubro uma forte alta e a partir de outubro um período de declínio.

Em 2003, o comportamento da violência e criminalidade foi similar a 2002, porém com uma maior suavidade na curva, mostrando um comportamento mais uniforme, exceto de maio a julho.

Já em 2004, o gráfico mostra um aumento na criminalidade a partir do mês de fevereiro, passando por uma suave queda de maio a junho, seguido de uma queda maior de junho a julho retomando de julho a agosto, a partir daí mostra um comportamento de suave alta até dezembro.

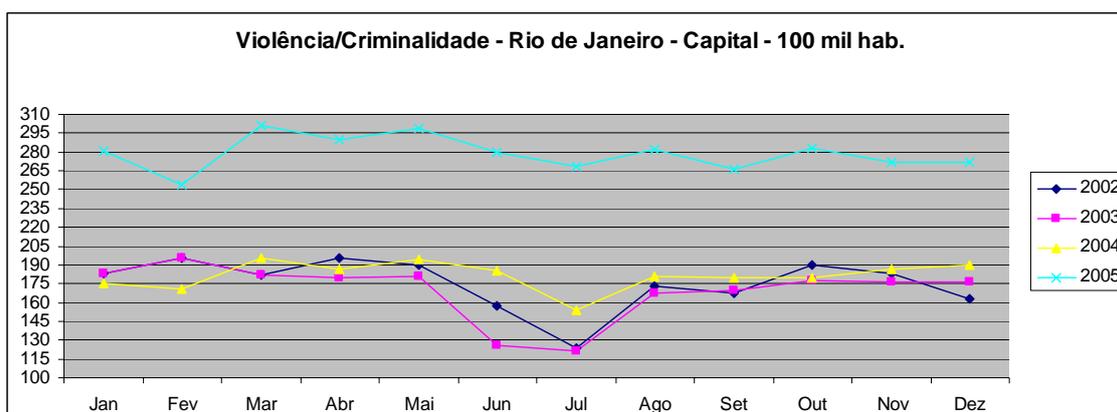


GRÁFICO 1 – Violência no Rio de Janeiro no período compreendido entre 2002 e 2005

Fonte: SSP/RJ – ISP/RJ (Adaptado pelo autor)

Durante todo o ano de 2005, ver GRÁFICO 1, os índices surpreenderam, ficando muito acima dos demais anos, sendo o mês de maior queda, em fevereiro atingindo o valor de 254, muito mais expressivo que a maior alta dos anos anteriores, 196 em abril de 2002 e março de 2004. Para o mês de março de 2005, foi registrado o maior índice de criminalidade da cidade do Rio de Janeiro, em todos os tempos, alcançando 301 ocorrências de criminalidade para 100 mil habitantes. Esses números podem estar relacionados com o período de carnaval, onde o egresso de pessoas de toda parte do mundo, se faz presente de forma expressiva. Os demais meses, de março a dezembro, por

pequenos acréscimos e decréscimos, seguindo uma trajetória de queda, mesmo assim, nunca inferior a 266 registrado em setembro de 2005.

### **4.3 Análise das entrevistas**

Com relação ao papel de cada órgão na prevenção, combate a violência e criminalidade, a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SSP/RJ), esclarece muito bem dizendo seu papel, bem como das polícias civil e militar. Quanto a Secretaria de Turismo (SETUR) e a Associação Brasileira de Agências de Turismo (ABAV), relatam muito bem sua participação quanto a relação do turista ao seu destino.

Para as possíveis causas de violência, ambas concordam e se complementam afirmando que as causas de criminalidade contra o turista são várias, entre as quais, problemas sociais, culturais, cidade como pólo turístico internacional, entrada massiva de estrangeiros com capital financeiro e pertences, problemas de ordem administrativa do Estado e Município.

Sobre o que está sendo feito para o combate a criminalidade, a SSP/RJ juntamente com as Polícias Civil e Militar concordam e afirmam a presença marcante por elas prestadas na prevenção e combate, mostrando a melhoria de infra-estrutura e de pessoal. Pessoal mais qualificado e treinado, com viaturas, quadriciclos, bicicletas, armas, tecnologia, como câmeras de vigilância ajudando a inibir ações criminosas. Já a SETUR/TURISRIO, desconhece das ações diretas ao combate a criminalidade, mesmo se tratando de turistas.

Para o turista, ambas são unânimes. Falam da presença da violência no Rio, argumentando sob a imagem negativa da cidade, caracterizada pela sujeira em pontos isolados e a violência de pequenos grupos de delinqüentes que, através de grupos ou de ações isoladas amedrontam os turistas internacionais e domésticos. Afirmam dizendo que não há uma relação direta entre turismo e criminalidade e que o mais comum, são os pequenos furtos.

A ABAV, alerta para queda na demanda turística, dizendo que o turista é muito sensível para questões de segurança, mesmo que estas sejam a respeito de pequenos furtos. “O turista não quer estragar suas férias”, palavras da ABAV.

Concordam ainda, que o papel do Estado, Polícias, Associações, entidades de classes, setor privado, comunidades e turistas são fundamentais para se ter uma cidade mais segura, e que a mídia é muito sensacionalista mas, de forma geral exerce seu papel.

#### 4.4 Análise do Forecast

Como mostrado no gráfico 2, representado no eixo horizontal, o período de tempo analisado nos índices de criminalidade, correspondendo do período 1 ao 48, representado entre os meses de janeiro de 2002 a dezembro de 2005 e a série de previsões, dado pelos períodos 49 a 60, representados pelos 12 meses, janeiro a dezembro de 2006, como futuros números para estudo e possível planejamento por parte dos organismos competentes. No eixo vertical, tem-se os números de criminalidade, os dados das séries temporais, variando do menor patamar, 121 ocorrências criminais para 100 mil habitantes, em julho de 2003 a 426 em março de 2006, como fator de previsão.

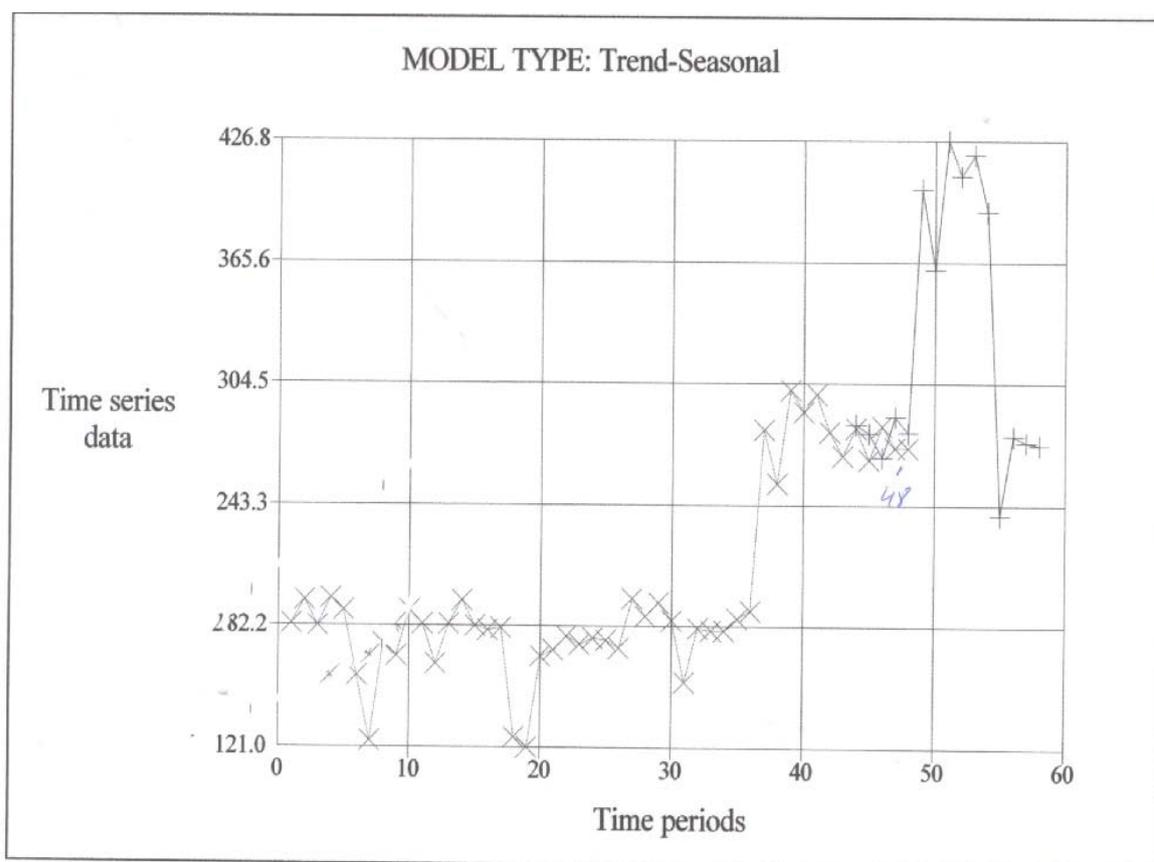


Gráfico 2 – Previsão de violência e criminalidade para o ano de 2006.

Fonte: Logware

Em 2002, do mês 01 ao mês 05 os números permaneceram em um patamar de quase linearidade, a partir de então, uma suscetível queda até o mês 07, retomando um crescimento quase linear até o mês 10. O mês 12 houve uma pequena queda.

Para 2003, partindo do mês de janeiro, representado no gráfico, *time period 13*, recupera níveis de início de 2002, por volta de 180 ocorrências criminais, até novamente o mês de maio, onde há como em 2002, uma queda surpreendente do índice de criminalidade. Partindo do *time period 19*, representado pelo mês de julho, ao período 20 (agosto) uma forte ascendência, partindo de então por uma suave ascensão, até período 24 (dezembro).

Seguindo em 2004, de período compreendido entre 25 a 36, o comportamento da curva obedece a mesma linearidade dos anos anteriores, correspondendo apenas de uma forma mais suave nos picos, emergindo em uma maior suavidade.

Já em 2005, período 37 ao 48, os índices passam a um novo patamar, alcançando números constantes ao longo do tempo, com uma variação de 254 a 301 em números criminais. Sua curva é ainda mais suave, obedecendo uma queda expressiva do período 37 ao 38 (janeiro a fevereiro), 41 ao 43 (maio a julho).

Como projeção para 2006, utilizando o modelo exponencial de previsão, haverá uma alta ainda mais acentuada, período de 48 a 49 (janeiro), seguido de queda no período 50 (fevereiro), ascensão até o período 53 (julho), seguindo então uma forte queda até o período 55 (setembro), voltando a subir no período 56, alcançando novamente a mesma linearidade do período compreendido em 2005.

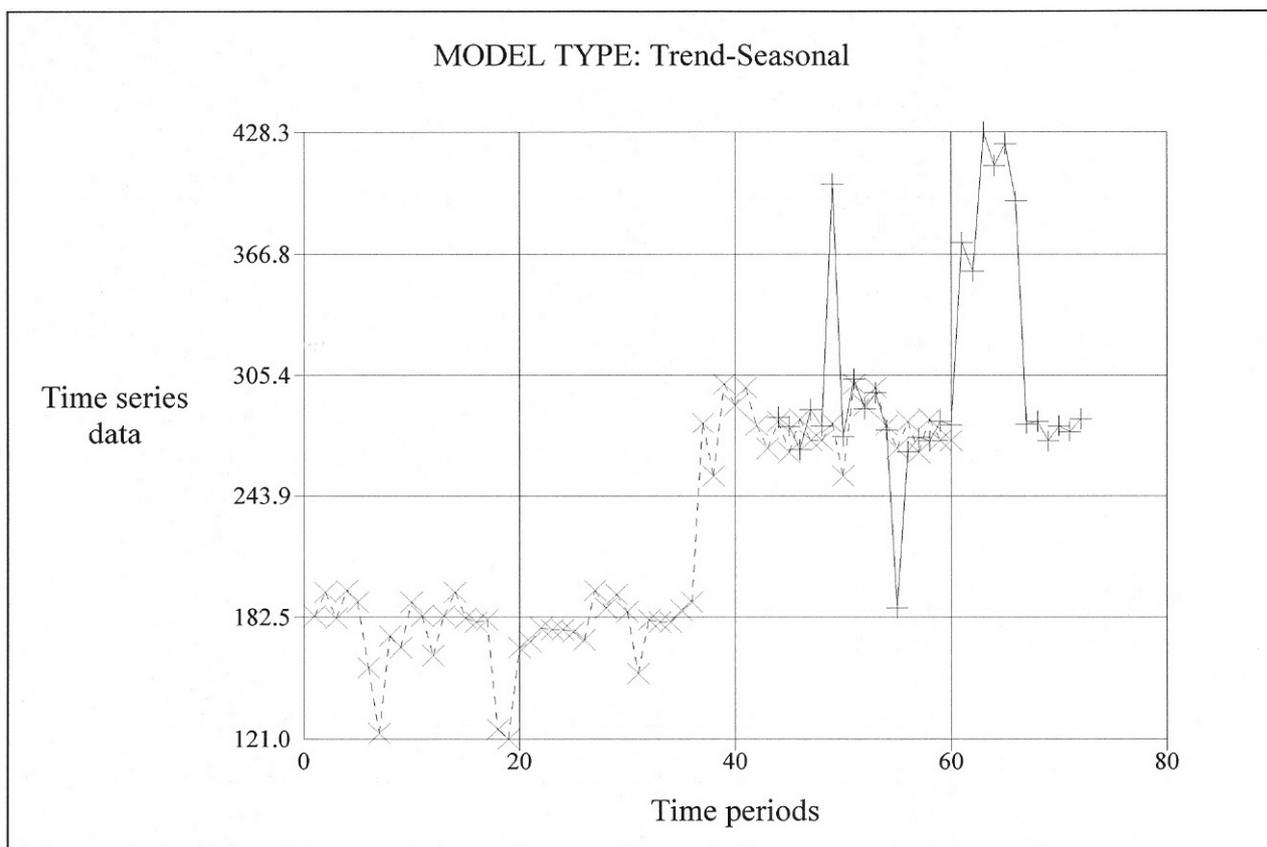


Gráfico 3 – Previsão de violência e criminalidade para o ano de 2007.

Fonte: Logware

Como comparativo, foi repetido os dados do ano de 2005 para o ano de 2006, para se fazer uma simulação, vendo o comportamento para o ano de 2007. Observou-se que (de acordo com o gráfico 3), há uma tendência de aumento nos números de violência e criminalidade na capital, passando a uma nova fase, em relação a série histórica. Essa nova fase, configura-se no patamar entre 254 e 283, desprezando os picos sazonais do ano de 2005 do gráfico 1.

## 5. Conclusão

De acordo com os dados apresentados, verificou-se que violência e criminalidade não têm uma relação direta com demanda turística, ou seja, não é fator determinante, único e exclusivo para os aumentos ou queda do número de turistas na cidade do Rio de Janeiro. O mesmo acontece com as demais variáveis, desemprego, renda e taxa de ocupação dos hotéis.

Como limitações, houve uma grande dificuldade na coleta de dados e em informações mais precisas sobre o assunto. Não foi considerado, dados específicos sobre a criminalidade no turismo, por não haver disponibilidade desses nas delegacias especializadas e na Secretaria de Segurança Pública do Estado. Outro fator limitante, foram as afirmações constantes em mostrar apenas o lado positivo, deixando menos evidenciados às questões críticas por parte dos entrevistados.

Como melhoria no estudo, salienta-se a necessidade de mais estudos, novas pesquisas sobre o assunto, principalmente pesquisas de opinião e percepção dos turistas. Mostrando seu ponto de vista e sua contribuição para informações ainda não pesquisadas.

É importante salientar, que os maiores números de violência no Rio, no período compreendido entre 2001 e 2005, mais de 80%, conforme afirmado pela Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (SSP /RJ), está na guerra do tráfico de drogas e não no turismo. Vale lembrar, que a criminalidade no turismo é associada, basicamente, a pequenos furtos cometidos por delinquentes moradores dos morros.

Verificou-se um aumento expressivo nos números de violência e criminalidade no ano de 2005 na capital, esse acréscimo se dá inclusive, pela maior preocupação das autoridades em medir de forma mais precisa o comportamento criminal na cidade do Rio de Janeiro.

Período de maior índice de violência, foi percebido nos mês de março dos anos estudados, como efeito comparativo, é o mês onde há festa de carnaval. Já os meses de maio, junho e julho, períodos de menor índice de violência e criminalidade, coincidentemente, período de menor número de turistas, por ser cidade litorânea estar em período de inverno, onde as pessoas ficam menos expostas.

Para previsão de 2006, há uma tendência de um aumento muito expressivo nos índices, principalmente nos meses de janeiro a junho, passando por uma forte queda de maio a julho, retomando um pouco em agosto e, mantendo mais constante ao longo dos demais meses de 2006.

De acordo com os órgãos públicos referenciados, a violência não reduz a demanda de turistas na cidade do Rio de Janeiro. Verificando pelo lado do turismo internacional, essa afirmação se faz verdadeira mas, como não se têm dados do turismo nacional, doméstico, não se pode afirmar categoricamente.

## REFERÊNCIAS

ADORNO, Sérgio. *Cidadania e Administração da Justiça Criminal: O Brasil no Rastro da Crise*. São Paulo, SP: Anpocs, Ipea, Husitec, 1996.

BALLOU, Ronald H. *Gerenciando cadeia de suprimentos: Planejamento, organização e logística empresarial*. 4ª Edição. São Paulo, SP: Bookman, 2001.

BARRETO, Margarida (org.) *Anuário de Pesquisa do Mestrado em Turismo – 2004: Programa de Mestrado em Turismo*. In: Segurança e Turismo: Percepções Quanto ao Aspecto de Segurança de um Destino Turístico, Como forma de Mantê-lo Atrativo e Competitivo. Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul/Edusc, 2005.

BATISTA, Vera Malaguti. *O Medo na Cidade do Rio de Janeiro: Dois Tempos de uma História*. Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. *Em Busca de Política*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2000.

BEATO, Cláudio. *Determinantes da Criminalidade em Minas Gerais*. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, SP: p. 13- 37, jun, 1998.

BENI, Mário Carlos. *Análise Estrutural do Turismo*. 9ª Edição. São Paulo, SP: Ed. Senac, 2003.

BOULLÓN, Roberto C. *Planejamento do Espaço Turístico*. Bauru, São Paulo: Edusc, 2002.

BURKE, Peter. Violência urbana e civilização. In OLIVEIRA, Nilson (org.) *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002. 248p. p. 32-52

CANO, I. A importância do micro desarmamento na prevenção da violência. In: OLIVEIRA, N. V. *Insegurança Pública*. São Paulo, 2002, Nova Alexandria, 2002, cap. 1, p. 130-150.

COOPER, Chris. *Turismo Princípios e Prática*. 2ª Edição. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2001.

COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à Ciência da Sociedade*. 2ª Edição. São Paulo: Moderna, 1997.

COSTA, Cristina. *Sociologia: Introdução à ciência da sociedade*. 3ª.ed. São Paulo: Moderna, 2005.

EMBRATUR. *Anuário estatístico*. Brasília, DF: Ministério do turismo. Instituto brasileiro de turismo, 2004.

EVANGELISTA, Hêlio de Araújo. *Rio de Janeiro: Violência, Jogo de Bicho e Narcotráfico Segundo uma Interpretação*. FAPERJ, Rio de Janeiro, RJ: Revan, 2003.

FALCÃO, José A. Guedes. *Turismo Internacional no Rio de Janeiro: Mecanismos de Acumulação Externa ao Lugar*. São Paulo, SP: Revista Turismo em Análise, maio 1995.

FEIGUIN, Dora e LIMA, Renato Sérgio de. Tempo de violência: medo e insegurança em São Paulo. *Revista São Paulo em Perspectiva*, São Paulo: 2002, abr-jun. pp. 73-80.

FERREIRA, Aurélio B. de Olanda. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. 2ª Edição. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Nova Fronteira, 1986.

FILHO, Aziz; FILHO, Francisco Alves. *Paraíso Armado: Interpretações da Violência no Rio de Janeiro*. São Paulo, SP: Garçon, 2003.

FILHO, José Vicente da Silva; GALL Norman. A polícia: Incentivos perversos e segurança pública. In: OLIVEIRA, Nilson (org.) *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002. 248p. p. 200-220

GONÇALVES, Hebe Signorini. *Infância e Violência no Brasil*. Rio de Janeiro, RJ: Ed. Nau, FAPERJ, 2003.

HALL, Robert E.; TAYLOR John B. *Macroeconomia: Teoria e desempenho e política*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 1989.

HEYNE, Paul T. *The economic way of thinking*. 9º ed. London, UK: Prentice Hall, 1999.

LAGE, Beatriz H. G.; MILONE, Paulo C. *Turismo: Teoria e Prática*. São Paulo, SP: Atlas, 2000.

LIMA, Renato Sérgio de *Criminalidade Urbana: Conflitos Sociais e Criminalidade Urbana – Uma Análise dos Homicídios Cometidos no Município de São Paulo*. São Paulo, SP: Sicurezza, 2002.

LOCKWOOD, A.; MEDLIK, S. *Turismo e Hospitalidade no Século XXI*. Barueri, São Paulo: Manole, 2003.

MANKIW, N. Gregory. *Introdução à Economia: Princípios de Micro e Macroeconomia*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2001.

MANSO, B. P. Ação e discurso: sugestão para o debate da violência. In: OLIVEIRA, N. V. *Insegurança Pública*. São Paulo, 2002, Nova Alexandria, 2002, cap. 1, p. 53-67.

MCNEIL, Willian H. As gangues de rua são uma antiga herança da civilização. In OLIVEIRA, Nilson (org.) *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002. 248p. p. 11-31

MIDDLETON, Victor T. C. *Marketing in travel and tourism*. London, England: Butterworth Heinemann, 2000.

MCNEILL, W. H. As gangues de rua são uma antiga herança da civilização. In: OLIVEIRA, N. V. *Insegurança Pública*. São Paulo, 2002, Nova Alexandria, 2002, cap. 1, p. 11-31.

OLIVEIRA, Nilson (org). *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002.

OMT. *Turismo Internacional: Uma Perspectiva Global*. 2ª Edição. Porto Alegre: Ed. Bookman, 2003.

OMT. *Introdução ao Turismo*. São Paulo, SP: Roca, 2001.

OSORIO, Mauro. *Rio nacional Rio local: mitos e visões da crise carioca e fluminense*. Rio de Janeiro, RJ: Senac, 2005.

PEARCE, Douglas. *Geografia do Turismo: Fluxos e Regiões no Mercado de Viagens*. São Paulo, SP: Ed. Aleph, 2003.

PERALVA, Angelina. *Violência e Democracia: O Paradoxo Brasileiro*. São Paulo, SP: Ed. Paz e Terra, 2000.

PINDYCK, Robert S.; RUBINFELD, Daniel L. *Microeconomia*. São Paulo, SP: Makron Books, 1999.

PIZAM, Abraham; MANSFELD, Yoel. *Tourism, crime and international security issues*. England: Wiley, 1995.

REJOWSKI, M. *Realidade versus Necessidade de Pesquisa Turística no Brasil*. Revista Turismo em Análise, v.9, nº1, p.82-91, 1998.

ROSA, Felipe A. de Miranda. *Criminalidade e violência global*. Rio de Janeiro, RJ: Lúmen Júris, 2003.

SANTOS, Ângela M. S. Penalva. *Economia, Espaço e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, RJ: FGV, 2003.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Pela Mão de Alice: O Social e o Político na Pós Modernidade*. 10. ed., São Paulo, SP: Cortez, 2005.

SOARES, Luiz E. Mercadores da Morte. In: FILHO, Aziz. *Paraíso Armado*. São Paulo: Garsoni, 2003, cap 1, p.29-46.

SCHWARTZMAN, Simon. *Pobreza, exclusão social e modernidade: uma introdução ao mundo contemporâneo*. São Paulo: Augurium, 2004.

STIGLITZ, Joseph E. *Economics*. 2º ed. London, UK: Norton & Company, 1996.

TOGNOLLI, Cláudio Julio. *O Século do Crime*. São Paulo, SP: Ed. Boitempo, 1996.

TRIBE, John. *Economia del ocio y el turismo*: Madrid, Espana: Sintesis, 2000.

VALLS, Josep F. *Lãs chaves del mercado turístico: Como competir em el nuevo entorno*. Espana, Bilbao: Deusto, 1996.

VARIAN Hal R. *Microeconomia: Princípios Básicos*. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2003.

WACQUANT, Loic. A Ascensão do Estado Penal nos EUA. In: *Discursos Sediosos: Crime, Direito e Sociedade*, ano 7, nº11. Rio de Janeiro, RJ: Instituto Carioca de Criminologia/Revan,2002.

ZALUAR, Alba. Para não Dizer que não Falei de Samba: Os enigmas da Violência na Brasil. In: SCHWARCZ, Lídia. *História da Vida Privada no Brasil: Contrastes da Intimidade Contemporânea*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1998.

ZALUAR, Alba. Violência: questão social ou institucional? In: OLIVEIRA, Nilson. *Insegurança Pública: Reflexões sobre a Criminalidade e a Violência Urbana*. São Paulo, SP: Ed. Nova Alexandria, 2002. 248p. p. 75-85

## ANEXOS

### ANEXO 1

Roteiro de entrevista

Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro – SSP-RJ

1. O que a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro tem feito para garantir a segurança da cidade do Rio?
2. Qual é o papel das polícias?
3. Qual é a relação entre Secretaria de Segurança Pública, Polícias e Comunidade?
4. Qual é sua interpretação dos dados sobre Violência e Criminalidade no Estado, principalmente na cidade do Rio de Janeiro?
5. O que está sendo feito para se combater a criminalidade no Estado?
6. Há uma tendência de acréscimo ou decréscimo da violência na cidade do Rio, principalmente contra o turista?
7. Há uma relação entre violência e turismo?
8. Qual é o papel do setor privado, quando o assunto é violência contra o turista?
9. Como é a violência contra o turista na cidade do Rio?
10. Qual é o papel do turista, quanto a sua segurança pessoal? Há orientação por parte das polícias?

## ANEXO 2

### Roteiro de entrevista

#### Polícia Civil - Delegacia de Proteção ao Turista (DIEF)

1. A Polícia Civil do Rio de Janeiro se encontra preparada para o combate a violência?
2. O que significa DIEF? Qual a sua função?
3. Qual é sua interpretação dos dados sobre Violência e Criminalidade no Estado, principalmente na cidade do Rio de Janeiro?
4. O que está sendo feito para se combater a criminalidade?
5. Há uma tendência de acréscimo ou decréscimo da violência na cidade do Rio, principalmente contra o turista?
6. Há alguma relação entre morros, favelas e criminalidade na zona sul do Rio?
7. Há uma relação entre violência e turismo?
8. Qual é o papel do setor privado, quando o assunto é violência contra o turista?
9. Como é a violência contra o turista na cidade do Rio?
10. O turista retorna quando submetido a atos de violência?
11. Qual é o tipo de reclamação mais freqüente do turista?
12. Qual é o papel do turista, quanto a sua segurança pessoal? Há orientação por parte das polícias?

### ANEXO 3

#### Roteiro de entrevista

#### Polícia Militar – Batalhão de Polícia de Apoio ao Turista (BPTUR)

1. A Polícia Militar do Rio de Janeiro se encontra preparada para o combate à violência?
2. O que significa BPTUR? Qual a sua função?
3. Qual é sua interpretação dos dados sobre Violência e Criminalidade na cidade do Rio de Janeiro?
4. O que está sendo feito para se combater a criminalidade?
5. Há alguma relação entre morros, favelas e criminalidade na zona sul do Rio?
6. Há uma tendência de acréscimo ou decréscimo da violência na cidade do Rio, principalmente contra o turista?
7. Há uma relação entre violência e turismo?
8. Qual é o papel do setor privado, quando o assunto é violência contra o turista?
9. Como é a violência contra o turista na cidade do Rio?
10. O turista retorna quando submetido a atos de violência?
11. Qual é o tipo de reclamação mais frequente do turista?
12. Qual é o papel do turista, quanto a sua segurança pessoal? Há orientação por parte da Polícia Militar?

## **ANEXO 4**

### Roteiro de entrevista

Secretaria de Turismo do Estado do Rio de Janeiro – SETUR / TURISRIO

1. Qual é o papel da SETUR e da TURISRIO?
2. Qual é a sua percepção da violência no Rio de Janeiro?
3. E contra o turista?
4. Há uma relação entre demanda turística e violência no Rio?
5. Qual é a visão do turista quanto à violência na cidade?
6. O turista retorna quando submetido a atos de violência?
7. Qual é o tipo de reclamação mais freqüente do turista?
8. Qual a percepção dos agentes de viagens e dos turistas, com relação à violência no turismo no Rio de Janeiro?

## **ANEXO 5**

### Roteiro de entrevista

#### Associação Brasileira de Agentes de Viagens – ABAV - RJ

1. Qual é o papel da ABAV no turismo do Rio de Janeiro, capital?
2. Qual é a percepção da ABAV, de violência contra o turista no Rio?
3. Há uma relação entre demanda turística e violência?
4. Qual é a visão do turista quanto à violência na cidade?
5. O turista retorna quando submetido a atos de violência?
6. Qual é o tipo de reclamação mais frequente do turista?

## ANEXO 6

### Roteiro de entrevista

#### Elementos criminosos de turistas da zona sul do Rio.

1. Você furta ou rouba turistas?
2. Qual é a sua idade? Qual a idade aproximada de seus companheiros?
3. Mora com sua família?
4. Com quantos anos entrou para o crime? Que tipo de crime?
5. Por que entrou para o crime?
6. Por que furta turistas? Alguém manda você furtar?
7. Qual é a reação dos turistas furtados?
8. Em suas ações, agride os turistas? Com que tipo de arma?
9. Rouba mais turistas brasileiros ou estrangeiros? Por quê?
10. Como foge da polícia?
11. Considera que a polícia cumpre seu papel?
12. Você tem medo da polícia?
13. O que pensa sobre seu futuro?

**ANEXO 07****TABELA 5**

Índice de Violência e Criminalidade compreendido entre os anos de 2002 e 2005.

	Dados de Violência/Criminalidade – Rio de Janeiro – Capital – 100 mil Hab.			
	2002	2003	2004	2005
Jan	183	183	175	281
Fev	195	195	171	254
Mar	182	182	196	301
Abr	196	180	187	290
Mai	190	181	194	299
Jun	157	126	185	280
Jul	124	121	154	268
Ago	173	167	181	282
Set	167	170	180	266
Out	190	177	180	283
Nov	183	176	186	272
Dez	163	176	190	272

Fonte: ISP – Instituto de Segurança Pública (Adaptado pelo autor).

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)